

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

Stephanne Cavalcante dos Santos

**POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO DOCENTE SOBRE O *BULLYING*
NOS ANOS INICIAIS**

Sorocaba
2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Stephanne Cavalcante dos Santos

POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO DOCENTE SOBRE O *BULLYING* NOS ANOS
INICIAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Centro de Ciência Humanas e Biológicas da
Universidade Federal de São Carlos *campus*
Sorocaba, para obtenção do grau de licenciadA
em Pedagogia.

Orientação: Prof.^a Dr.^a Lucia Maria Salgado dos
Santos Lombardi

Sorocaba
2015

Santos, Stephanie Cavalcante dos

Possibilidade de atuação docente sobre o bullying nos anos iniciais / Stephanie Cavalcante dos Santos -- 2015. 62f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba

Orientador (a): Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi

Banca Examinadora: Rosana Batista Monteiro, Suzana Marcolino

Bibliografia

1. Bullying. 2. Escola. 3. Formação de professores.. I. Santos, Stephanie Cavalcante dos. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -
CRB/8 6979

FOLHA DE APROVAÇÃO

STEPHANNE CAVALCANTE DOS SANTOS

POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO DOCENTE SOBRE O *BULLYING* NOS ANOS INICIAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Humanas e Biológicas da Universidade Federal de São Carlos, *campus* Sorocaba, para obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

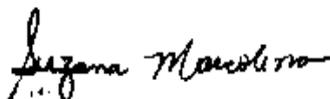
Sorocaba, 2 de Julho de 2015.



Dra. Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi
Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba (UFSCar)
Orientadora



Dra. Rosana Batista Monteiro
Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba (UFSCar)
Examinadora



Dra. Suzana Marcolino
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
Examinadora

DEDICATÓRIA

Para Maria da Gloria e Francisco José

AGRADECIMENTO

À Deus acima de tudo!

Há muitas pessoas que, de um modo ou de outro contribuíram para a minha formação tanto pessoal quanto acadêmica.

No entanto, algumas são mais que especiais em minha vida e foram fundamentais para a concretização deste trabalho.

E apesar deste espaço ser reservado aos agradecimentos, não encontro palavras para expressar toda a minha gratidão e reconhecimento.

Então, de modo singelo, inicio lembrando-me de uma pessoa que tanto admiro principalmente pela sabedoria,

Elói Chad. Agradeço cada minuto que dedicou a mim. Ao seu lado aprendi e amadureci muito.

À Prof^a. Dr^a Lúcia Lombardi, minha orientadora. Obrigada por acreditar em mim e me apoiar neste trabalho sempre tão atenciosa.

Agradeço também aos meus familiares, minha mãe Glória e meu pai Francisco, pelo apoio e paciência durante esta fase de minha vida.

Meus irmãos Martina e Gustavo pela união e força.

À todos os docentes que passaram pela turma de 2010 do curso de Pedagogia. Agradeço a dedicação, auxílio e conhecimentos proporcionados.

Aos meus verdadeiros amigos que compartilharam tantas alegrias e angustias durante esta etapa, por estarem presentes em minha vida.

RESUMO

SANTOS, Stephanie Cavalcante dos. *Possibilidade de atuação docente sobre o bullying nos anos iniciais*. 2015. 62 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba, Sorocaba, 2015.

Este trabalho de conclusão de curso tem como objeto os modos de atuação docente sobre o *bullying* nos anos iniciais. O tema surgiu da inquietação da autora quando atuava como estagiária nos anos iniciais do Ensino Fundamental I em uma escola pública do município de Sorocaba, São Paulo. Com as vivências durante os estágios a falta de preparo docente em relação a práticas de *bullying* gerou aflição. A pesquisa procura entender como docentes que atuam neste segmento percebem e encaminham as manifestações de *bullying*, analisando como os(as) profissionais da educação lidam com tais casos. O trabalho está dividido em três capítulos. No Capítulo I é apresentado o quadro teórico que sustenta a temática. Este capítulo inicia-se com o trecho denominado “Violência escolar e *bullying*”, feito com base nos estudos da Associação Multifuncional de Apoio à Criança e ao Adolescente (ABRAPIA), Lopes Neto (2005), Fante (2005), Oliboni (2008) e Pinheiro (2006). Do segundo trecho do primeiro capítulo consta o “Conceito de *bullying*” com base em Fante (2005), Lopes Neto e Saavedra (2003), Olweus (1998; 1999), Lopes (2005) e Silva (2010). O terceiro trecho aborda as “Características do *bullying*” e tem como base Fante (2005), Lopes Neto (2005), Oliboni (2008) e Silva (2010). Na quarta parte é apresentado o “Histórico do *bullying*”, baseado em Lopes Neto e Saavedra (2003); Fante (2005) e Silva (2010). O quinto segmento trata dos “Estudos e constatações sobre o *bullying* no Brasil” tendo como base teórica pesquisas realizadas pela Associação Multifuncional de Apoio à Criança e ao Adolescente (ABRAPIA) e Fante (2005). No Capítulo II é descrita a metodologia utilizada para construção do estudo, a qual classifica-se como qualitativa e estudo de caso. Para coletar os dados foram realizadas entrevistas com cinco professoras que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental I no município de Sorocaba. No Capítulo III é apresentada a análise dos dados, entrelaçando as expressões das professoras nas entrevistas com os referenciais teóricos que servem de sustentação ao trabalho.

Palavras-chave: *Bullying*. Escola. Formação de professores.

ABSTRACT

SANTOS, Stephanie Cavalcante dos. Possibilities of teaching actions about *bullying* on elementary school. 2015. 62 f. Undergraduate thesis (Licenciatura in Pedagogy) - Federal University of São Carlos *campus* Sorocaba, Sorocaba, 2015.

This undergraduate thesis has as its object the teaching performance on bullying in the early years. The theme arose from the author's concern when she worked as an intern in the early years of Elementary School I in a public school in Sorocaba, São Paulo. With the experiences during the internships, the lack of teacher preparation in relation to bullying practices generated distress. The research seeks to understand how teachers who work in this segment perceive and forward the manifestations of bullying, analyzing how education professionals deal with such cases. The work is divided into three chapters. Chapter I presents the theoretical framework that supports the theme. This chapter begins with the excerpt called "School violence and bullying", based on the studies of the Multifunctional Association for Support to Children and Adolescents (ABRAPIA), Lopes Neto (2005), Fante (2005), Oliboni (2008) and Pinheiro (2006). The second excerpt of the first chapter contains the "Concept of bullying" based on Fante (2005), Lopes Neto and Saavedra (2003), Olweus (1998; 1999), Lopes (2005) and Silva (2010). The third excerpt addresses the "Characteristics of bullying" and is based on Fante (2005), Lopes Neto (2005), Oliboni (2008) and Silva (2010). The fourth part presents the "History of bullying", based on Lopes Neto and Saavedra (2003); Fante (2005) and Silva (2010). The fifth segment deals with "Studies and findings on bullying in Brazil" based on theoretical research carried out by the Multifunctional Association for Support to Children and Adolescents (ABRAPIA) and Fante (2005). Chapter II describes the methodology used to build the study, which is classified as qualitative and case study. To collect data, interviews were conducted with five teachers who work in the early years of Elementary School I in the city of Sorocaba. In Chapter III the data analysis is presented, interweaving the expressions of the teachers in the interviews with the theoretical references that support the work.

Keywords: Bullying. School. Teacher preparation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Dr. Dan Olweus, professor de Psicologia afiliado ao Centro de Pesquisa de Promoção da Saúde (HEMIL) da Universidade de Bergen, na Noruega, reconhecido como o pioneiro e fundador do estudo sistematizado sobre o *Bullying*..... 13

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Levantamento bibliográfico no site da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – IBICT.....	4
TABELA 2 - Levantamento bibliográfico feito no site Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES	5
Tabela 3 - Levantamento bibliográfico feito no site <i>Scientific Electronic Library Online – SCIELO</i>	6

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABRAPIA Associação Multifuncional de Apoio à Criança e ao Adolescente

AEE Atendimento Educacional Especializado

CAPES Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

IBICT Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

Scielo *Scientific Eletronic Library Online*

UFSCar Universidade Federal de São Carlos

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. CAPÍTULO I. Quadro Teórico.....	4
2.1 Violência Escolar e <i>bullying</i>	7
2.2 Conceito de <i>bullying</i>	8
2.3 Características do fenômeno.....	10
2.4 Histórico do <i>bullying</i>	11
2.5 Estudos e constatações sobre <i>bullying</i>	13
3. CAPÍTULO II. Metodologia.....	15
3.1 Procedimentos da pesquisa.....	15
4. CAPÍTULO III. Análise de Dados.....	17
4.1 Concepções docentes sobre <i>bullying</i>	17
4.2 Formação docente voltada ao enfrentamento do <i>bullying</i>	26
4.3 Olhares das professoras sobre o problema.....	29
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	34
7. APÊNDICES.....	37
8. APÊNDICE A.....	37
9. APÊNDICE B.....	38
10. APÊNDICE C.....	39

POSSIBILIDADE DE ATUAÇÃO DOCENTE SOBRE O *BULLYING* NOS ANOS INICIAIS

“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela, tampouco a sociedade muda.”

Paulo Freire

1. INTRODUÇÃO

O tema do presente estudo nasceu de inquietações que senti relacionadas ao problema do *bullying* nas séries iniciais a partir de vivências em algumas escolas públicas e privadas da região de Sorocaba em que atuei em estágios tanto obrigatórios como não obrigatórios principalmente no Ensino Fundamental I desde 2010, durante o curso de Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba.

Dentre muitos casos, o que mais me marcou diz respeito a observações que realizei em um estágio não obrigatório em uma escola pública municipal, logo no começo da minha graduação no curso de Pedagogia. Naquela instituição estagiei nos anos de 2010 e 2011 em turmas de 1º ano do Ensino Fundamental I, com crianças na faixa de 6 anos de idade. Em 2011 tive contato com um garoto que, por sugestão da escola, havia sido encaminhado para tratamento de saúde. No entanto, seu diagnóstico ainda não havia sido determinado, tanto pela demora do atendimento público, como pelo fato da família ser carente e ter dificuldades quanto a levá-lo às consultas.

Um exemplo daquilo que me incomodou era ver, em meio a outros casos, como este menino sofria perseguições e hostilidades com constância por parte das outras crianças da turma. Era, inclusive, difícil de perceber como as agressões tinham início, pois ele tinha momentos em que se mostrava mais nervoso e então podia bater, cuspir ou xingar sendo que, nestas ocasiões, as crianças da classe revidavam. Além disso, ele era prontamente rotulado pelas crianças, que o julgavam como sendo incapaz de aprender e o evitavam.

Diante desta constatação, afligiu-me a falta de atuação por parte dos educadores de como lidar com problemas como este dentro da sala de aula. No segundo semestre de 2011 me afastei desse estágio, porém esta vivência, me fez lembrar da minha época de escola onde eu também fui alvo de *bullying*. Ninguém percebia dentro da sala de aula como eu me sentia e lidavam com este problema como se fosse brincadeira da parte de outras crianças as ofensas diárias que me faziam, ou que não fosse algo “grave”. Meu rendimento escolar caiu muito na época por conta de problemas como este, bem como comecei a não querer ir para escola. E foi naquele momento do estágio que senti a necessidade de pesquisar mais a respeito desse tipo de

violência dentro do ambiente escolar, que se caracteriza de forma sutil passando muitas vezes despercebida aos olhos dos educadores.

A propósito desta questão, torna-se relevante esclarecer que neste trabalho opta-se por não estigmatizar os envolvidos no contexto do *bullying*, adotando-se a classificação utilizada pelos estudos da Associação Multifuncional de Apoio à Criança e ao Adolescente ABRAPIA, que são os termos “autor de *bullying*” (em vez de agressor), “alvo de *bullying*” (em vez de vítima), “alvo/autor de *bullying*” (em vez de agressor/vítima) e “testemunha de *bullying*” (em vez de espectadores).

A partir das observações enquanto estive no papel de professora em formação, nasceu a questão-problema de estudo: qual a possibilidade de atuação docente diante do *bullying* nas séries iniciais?

Comprometida em responder esta questão, tive por objetivo principal no trabalho: analisar as percepções dos professores das séries iniciais do Ensino Fundamental I sobre o tema discutido, analisando como os profissionais da educação lidam com casos de *bullying*.

Para atingir o objetivo proposto, o estudo está dividido em três capítulos. No Capítulo I é apresentado o quadro teórico que sustenta a temática escolhida. Assim, este capítulo inicia-se com o segmento denominado “Violência escolar e *bullying*”, feito com base nos estudos da Associação Multifuncional de Apoio à Criança e ao Adolescente ABRAPIA, Lopes Neto (2005), Fante (2005), Oliboni (2008) e Pinheiro (2006).

Do segundo trecho do primeiro capítulo consta o “Conceito de *bullying*” com base em Fante (2005), Lopes Neto e Saavedra (2003), Olweus (1998; 1999), Lopes (2005) e Silva (2010).

O terceiro segmento do primeiro capítulo aborda as “Características do *bullying*” e tem como base Fante (2005), Lopes Neto (2005), Oliboni (2008) e Silva (2010).

No quarto trecho do primeiro capítulo é apresentado o “Histórico do *bullying*”, baseado em Lopes Neto e Saavedra (2003); Fante (2005) e Silva (2010).

O quinto e último segmento do primeiro capítulo trata dos “Estudos e constatações sobre o *bullying* no Brasil” tendo como base teórica pesquisas realizadas pela Associação Multifuncional de Apoio à Criança e ao Adolescente (ABRAPIA) e Fante (2005).

No Capítulo II deste trabalho exibimos a metodologia utilizada para concretização do estudo. A metodologia classifica-se como qualitativa e estudo de caso. Para coletar os dados realizamos entrevistas com cinco professoras que atuam nas séries iniciais do Ensino Fundamental I no município de Sorocaba.

No Capítulo III apresentamos a análise dos dados, entrelaçando minhas concepções como professora e pesquisadora, as expressões das professoras nas entrevistas com os referenciais teóricos que servem de sustentação a este trabalho.

2. CAPÍTULO I. QUADRO TEÓRICO

No presente capítulo é apresentado o quadro teórico da pesquisa. Para realizarmos a tarefa de estudarmos o tema *bullying*: possibilidade de atuação docente nas séries iniciais, primeiramente fizemos um levantamento da produção bibliográfica a respeito do assunto. A principal base teórica está em Dan Olweus (1978), autor que promoveu a primeira grande investigação a respeito do tema e desencadeou tantas outras pesquisas posteriormente e Cléo Fante (2005) autora pioneira sobre *bullying* no Brasil.

A fim de enriquecer ainda mais a pesquisa, fizemos um levantamento bibliográfico também de artigos, dissertações, teses e obras de demais autores que nos apoiam no estudo sobre o tema.

Deste modo, definimos três principais bases de dados, sendo elas: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações- IBICT, Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES e Scielo- *Scientific Electronic Library Online*.

As tabelas a seguir, elaboramos durante a etapa de delimitação do problema de pesquisa, na busca de “algo que o pesquisador não saiba, algo que desafia a descobrir a resposta” (GROPPO E MARTINS, 2007, p. 16). Após a delimitação do problema e a definição da questão principal, escolhemos as palavras- chave que utilizaríamos nas buscas, a fim de refinar a pesquisa e encontrar referências específicas sobre o tema de nosso interesse.

TABELA 1: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações - IBICT

Palavras-chave	Nº de referências encontradas no total	Títulos selecionados para a pesquisa
	24	OLIBONI, Samara Pereira. O <i>bullying</i> como violência velada: a percepção e ação dos professores . Rio Grande, 2008. 110 p. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental)- Programa de Pós Graduação em Educação

<p><i>Bullying</i> Escola Professor</p>		<p>Ambiental, Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2008.</p> <p>GONÇALVES, Catarina Carneiro. Concepção e julgamento moral de docentes sobre bullying na escola. João Pessoa- Paraíba, 2011. 146 p. Dissertação (Mestrado em Educação)- Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, 2011.</p> <p>ARAÚJO, Synara Carvalho Branquinho. Bullying: Os significados para os docentes do ensino fundamental das escolas públicas municipais da cidade de Rio Verde- Goiás. Goiânia, 2012. 90 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia)- Programa de Pós Graduação de Psicologia, Pontifícia Universidade de Goiás, 2012.</p> <p>MUNARIN, José Carlos. A escola como espaço de convivência: a prevenção e a redução do bullying escolar. Presidente Prudente, 2007. 178 p. Dissertação (Mestrado em Educação)- Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade do Oeste Paulista, 2007.</p>
---	--	---

TABELA 1: Levantamento bibliográfico realizado no site da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações - IBICT.

TABELA 2: Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES

Palavras-chave	Nº de referências encontradas no total	Títulos selecionados para a pesquisa
	25	TOGNETTA, Luciene Regina Paulino e VINHA, Telma Pileggi. Até quando? Bullying na escola que prega a

<p><i>Bullying</i> Escola Professor</p>		<p>inclusão social. Revista Educação, Santa Maria, v. 35, nº. 3, set/dez. 2010, p. 449-464.</p> <p>COSTA, Miguel Ataide Pinto da; SOUZA, Marcos Aguiar de e OLIVEIRA, Valéria Marques de. Obesidade infantil e bullying: a ótica dos professores. Educ. Pesqui. [online]. 2012, vol.38, n.3, pp 653-665. Epub 31 de julho de 2012.</p>
---	--	--

TABELA 2: Levantamento bibliográfico feito no site Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES

TABELA 3: Scielo- Scientific Electronic Library Online

Palavras-chave	Nº de referências encontradas no total	Títulos selecionados para a pesquisa
<i>Bullying</i>	66	<p>MOURA, Danilo Rolim de; CRUZ, Ana Catarina Nova e QUEVEDO, Luciana de Ávila. Prevalência e características de escolares vítimas de bullying. J. Pediatr. (Rio J.) [online]. 2011, vol.87, n.1, pp 19-23.</p> <p>MALTA, Deborah Carvalho et al. Bullying nas escolas brasileiras: resultados da Pesquisa Baseada na Escola Nacional de Saúde (PeNSE), 2009. Ciênc. saúde coletiva [online]. 2010, vol.15, suppl.2 [citado 2014/06/19], pp 3065-3076.</p> <p>ANTUNES, Deborah Christina e ZUIN, Antônio Álvaro Soares. Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. Psicol. Soc. [online]. 2008, vol.20, n.1, pp. 33-41.</p>

		<p>PALACIOS, Marisa; REGO, Sergio. Bullying: Mais uma epidemia invisível? Rev. bras. educ. med. , Rio de Janeiro, v 30, n. 1, abril de 2006.</p> <p>SILVA, Elizângela Napoleão da; ROSA, Ester Calland de S. Professores sabem o que é <i>bullying</i>? Um Tema para a formação docente. Psicol. Esc. Educ., Maringá, v.17, n. 2, dezembro de 2013.</p> <p>LOPES NETO, Aramis A. Bullying: Comportamento agressivo entre estudantes. J. Pediatr. (Rio J.) , Porto Alegre, v 81, n. 5, supl. Novembro 2005.</p> <p>FRANCISCO, Marcos Vinicius; LIBORIO, Renata Maria Coimbra. Um estudo sobre o <i>bullying</i> entre escolares do ensino fundamental. Psicol. Reflexo. Crit. Porto Alegre, v.22, n. 2, 2009.</p>
--	--	--

Tabela 3: Levantamento bibliográfico feito no site da Scielo- *Scientific Electronic Library Online*.

Além dos textos encontrados também foram oferecidos pela orientadora outros artigos, dissertações e teses que poderiam auxiliarmo-nos na realização deste estudo.

2.1 Violência escolar e *bullying*

Com a elaboração da base teórica e leituras durante este estudo, acreditamos necessário abordarmos a questão da violência no contexto escolar pois o *bullying* caracteriza-se segundo os estudos da Associação Multifuncional de Apoio à Criança e ao Adolescente (ABRAPIA), como um dos tipos de violência que mais é exercida entre crianças e adolescentes, e que habitualmente ocorre no contexto escolar.

Segundo Lopes Neto (2005, p. S165)

O termo “violência escolar” diz respeito a todos os comportamentos agressivos e antissociais, incluindo os conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, atos criminosos, etc. Muitas dessas situações dependem de fatores externos, cujas intervenções podem estar além da competência e capacidade das entidades de ensino e de seus funcionários. Porém, para um sem número delas, a solução possível pode ser obtida no próprio ambiente escolar.

Lopes Neto (2005, p. 164) afirma ainda que “uma das formas mais visíveis da violência na sociedade é a chamada violência juvenil, assim denominada por ser cometidas por pessoas com idades entre 10 e 21 anos”.

Fante (2005) afirma que a violência escolar adquiriu em todas sociedades, crescentes dimensões, segundo o que torna a questão muito delicada devido à alta incidência de sua manifestação em todos os níveis de escolaridade.

Certamente, quando falamos de “violência escolar”, nos vem em mente situações de alunos discutindo, brigando, fazendo amontoados e logo à intervenção por parte de algum adulto para separar, acalmar e resolver a situação. (FANTE 2005, SILVA 2010). Todavia, aliada a esta violência explícita, outro formato de violência necessita de urgente atenção dos profissionais da educação, nas palavras de Fante (2005) “aquela que se acontece de forma velada”, por meio de um conjunto de comportamentos cruéis, intimidadores e repetitivos, por tempo prolongado contra uma mesma vítima, e ainda cujo poder devastador é perigoso ao grupo escolar e à sociedade como um todo, pelo dano gerado ao psiquismo dos envolvidos.

Referimo-nos ao *bullying*, que de acordo com Oliboni (2008, p.13) “predominantemente, inicia com apelidos indesejados que ‘correspondem’ a uma determinada característica física, comportamental ou ao modo de vida do aluno que é alvo das agressões”.

Pinheiro (2006) revela que muitas crianças sofrem o *bullying*, por meio de ataques ao seu gênero sexual, com brincadeiras maliciosas que as rotulam com características masculinas ou afeminadas. Tais como: “gay”, “lésbica”, “sapatão” e “frutinha”, apelidos que têm a finalidade de agredir e destruir a moral do aluno frente ao grupo escolar.

2.2 Conceito de *bullying*

O termo *bullying* de origem inglesa, sem tradução específica para o português, segundo Fante (2005, p. 27) define “o desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e colocá-la sob tensão”.

Lopes Neto e Saavedra (2003) afirma que *bullying*, compreende todas as formas de atitudes hostis, propositais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), e ainda, causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder.

Olweus (1999, p. 10) em sua definição de *bullying*, considera que “um estudante está sendo vitimizado quando é exposto, repetidamente e por um tempo prolongado, a ações negativas por parte de um ou mais estudantes”. As ações negativas segundo o autor podem ser conduzidas através de diversas ações, tais como: agressões físicas (bater, empurrar, beliscar), verbais (ameaçar, apelidar) e até mesmo gestuais (encarar, rir). O indivíduo que é exposto a ações negativas tem dificuldades de se defender e acaba por não reagir diante as manifestações. A agressão pode ser realizada por um grupo ou por um só indivíduo, assim como o alvo da agressão podem ser vários ou um único indivíduo.

Fante (2005) considera que *bullying* é um subconjunto de comportamentos agressivos que envolvem intimidações, insultos, assédios, exclusões e discriminações de todo gênero. A autora evidencia que, são atitudes caracterizadas pela repetição e, pelo desequilíbrio de poder e pela violência que geralmente acontece sem motivo aparente, cuja finalidade é de maltratar, intimidar, provocar dor, angústia e sofrimento.

Outro apontamento feito por esta mesma autora diz respeito à dificuldade dos pesquisadores em encontrar termos em seus idiomas que correspondam ao sentido da palavra *bullying*, pois em alguns países existem outros termos para conceituar esses mesmos tipos de comportamento. Fante (2005, p.27 e 28) afirma:

Mobbing é um deles, empregado na Noruega e na Dinamarca; *mobbning*, na Suécia e na Finlândia. Esses termos são utilizados com significados e conotações diferentes. Sua raiz inglesa, *mob*, refere-se a um grupo grande e anônimo de pessoas que geralmente se dedica ao assédio. Quando, porém, uma pessoa que atormenta, hostiliza ou molesta uma outra, o termo utilizado para caracterizar esse comportamento é *mobbning*. Mesmo não sendo um termo adequado do ponto de vista linguístico, *mobbning* é empregado para definir uma situação na qual um indivíduo, sozinho ou em grupo, ridiculariza um outro. Na França, denominam *harcèlement quotidien*; na Itália, de *prepotenza ou bullismo*; no Japão, é conhecido como *yjime*, na Alemanha, como *agressionen unter shülern*; na Espanha, como *acoso y amenaza entre escolares*; em Portugal, como *maus-tratos entre pares*.

No Brasil todavia utilizamos o termo *bullying*, Lopes Neto (2005) evidencia que a adoção do termo *bullying* foi justamente decorrente desta dificuldade em traduzi-las para diversas línguas.

É importante ressaltarmos que o *bullying*, não deve ser entendido como uma “brincadeira”, pois as agressividades ocorridas em suas manifestações não se limitam a um fato isolado simplesmente, ou como algo sadio, pelo contrário, é uma agressão contínua, que oprime. Podendo levar o aluno oprimido ao abandono do ambiente escolar. Assim como pode causar também, sérios traumas ao psiquismo (que ocorre na maioria dos casos), chegando até mesmo a casos extremos, como ao suicídio. (OLWEUS, 1998; FANTE 2005; SILVA 2010)

Em todas as definições, ocorre a incapacidade do alvo de *bullying* em se defender e/ou motivar outros a agirem em sua defesa. Assim sendo, o fenômeno *bullying* é um conceito bem definido e específico, por apresentar características próprias, não se deixa confundir com outras formas de violência (OLWEUS, 1998; FANTE, 2005, LOPES 2005; SILVA 2010). Silva (2010, p. 14), menciona que:

O *bullying* não pode mais ser tratado como um fenômeno exclusivo da área educacional. Atualmente ele já é definido como um problema de saúde pública, e por isso mesmo, deve entrar na pauta de todos profissionais que atuam na área médica, psicológica e assistencial de forma mais abrangente.

De acordo com Silva (2010) o *bullying* por ser um fenômeno que é intrínseco às relações interpessoais, pode ocorrer nos mais variados contextos: nas escolas, nas famílias, no ambiente de trabalho, etc. Contudo, nossa pesquisa aborda apenas o fenômeno *bullying* no ambiente escolar, mais especificamente nas séries iniciais do Ensino Fundamental I.

2.3 Características do fenômeno

Reconhecer as manifestações do *bullying*, pode ser uma tarefa um tanto quanto minuciosa para os que atuam no contexto escolar. (OLWEUS 1978, FANTE 2005, LOPES 2005, SILVA 2010)

A ausência da percepção do sofrimento dos indivíduos envolvidos em manifestações de *bullying* pode reforçar ainda mais a fragmentação do entendimento e enfrentamento do fenômeno entre os educadores. Assim, muitos não conseguem identificar as manifestações do

bullying, pois normalmente os oprimidos evitam expor o problema aos profissionais que atuam naquele contexto, por acreditarem que nada podem fazer para ajudá-los. (FANTE 2005, LOPES NETO 2005, OLIBONI 2008, SILVA 2010).

Fante (2005, p.49) adverte no entanto, que “para que um comportamento seja caracterizado como *bullying*, é necessário distinguir os maus-tratos ocasionais e não graves dos maus tratos habituais e graves”. Sendo assim, comportamentos *bullying* podem ocorrer de duas formas, sendo elas caracterizadas como direta e indireta. Segundo Lopes Neto (2005, p. S166):

São considerados *bullying* direto os apelidos, agressões físicas, ameaças, roubos, ofensas verbais ou expressões e gestos que geram mal estar aos alvos. São atos utilizados com uma frequência quatro vezes maior entre os meninos. O *bullying* indireto compreende atitudes de indiferença, isolamento, difamação e negação aos desejos, sendo mais adotados pelas meninas.

Silva (2010) evidencia ainda uma outra forma que *bullying*, que se estendeu e ganhou configuração às intimidações via telefone, celular e internet, este último principalmente em redes sociais, e neste caso o fenômeno passa a ter outra terminologia, denominada *ciberbullying*. Oliboni (2008, p. 15) resume que:

No decorrer da vida escolar, é comum estudantes presenciarem ou participarem de desentendimentos, fofocas, intrigas, zombarias, brigas, entre outros. Estes “contratempos” fazem parte do cotidiano das escolas e exigem um preparo especial dos professores e coordenadores pedagógicos para reconhecerem estas situações e impedirem que tais comportamentos se perpetuem. O que é lastimável, entretanto, é observar que o ambiente escolar, que deveria ser um espaço de construção de aprendizagem, conhecimento, socialização e cidadania, pode representar, para alguns alunos, como um lugar de sofrimento, maus tratos, falta de compreensão, podendo, contribuir para a evasão escolar.

2.4 Histórico do *bullying*

Apesar da relevância dada ao estudo do *bullying*, historicamente este fenômeno só passou a ser objeto de estudo científico no início dos anos 1970 (LOPES E SAAVEDRA 2003; FANTE 2005; SILVA 2010).

De acordo com Silva (2010, p.111), “tudo começou na Suécia, onde grande parte da sociedade demonstrou preocupação com a violência entre os estudantes e suas consequências no âmbito escolar” e ainda num curto período, a mesma onda de interesse contagiou todos os demais países escandinavos.

Fante (2005) e Silva (2010) demonstram que na Noruega, o fenômeno *bullying* foi motivo de preocupação durante muito tempo, principalmente por parte de pais e professores que demonstravam suas angústias e temores nos meios de comunicação, porém sem que as autoridades educacionais daquele país se comprometessem de maneira oficial. Essas autoras, também relatam que foi só após um acontecimento dramático, no qual três crianças, com idade entre 10 e 14 anos, se suicidaram no norte da Noruega no final do ano de 1982, atos estes que foram reconhecidos como tendo grande probabilidade de serem consequência do *bullying* que sofriam, isto é, das situações de opressão a que eram submetidas por seus pares na escola.

Esse fato teve forte repercussão nos meios de comunicação, o que mobilizou toda população fazendo com que o Ministério da Educação da Noruega no ano de 1983, realizasse uma campanha em larga escala visando ao combate efetivo do *bullying* nas escolas.

As autoras afirmam, ainda que foi Dan Olweus, pesquisador da Universidade de Bergen, que desenvolveu o primeiro estudo para detectar o *bullying* especificamente, diferenciando-o de outras possíveis interpretações, tais como incidentes e gozações ou mesmo relações de brincadeiras entre iguais, próprias do processo de amadurecimento de cada indivíduo. O estudo de Dan Olweus, reuniu cerca de 84 mil estudantes, de trezentos a quatrocentos professores e por volta de mil pais, onde todos os períodos (desde o primeiro ano do Ensino Fundamental até o último ano do Ensino Médio) foram observados. O objetivo principal deste estudo era avaliar a sua natureza e ocorrência do *bullying*. Seu livro “*Bullying at School: What We Know and What We Can Do*” já foi traduzido para quinze diferentes idiomas.

Seus estudos revelaram que um aluno em cada sete, estava envolvido de alguma forma em casos de *bullying*. Essa constatação originou uma campanha nacional antibullying, que teve apoio do governo norueguês, onde em pouco tempo, houve uma redução de cerca de 50% dos casos dessa prática no contexto escolar. Fato que desencadeou outros países como o Reino Unido, Canadá e Portugal, a promoverem campanhas antibullying.

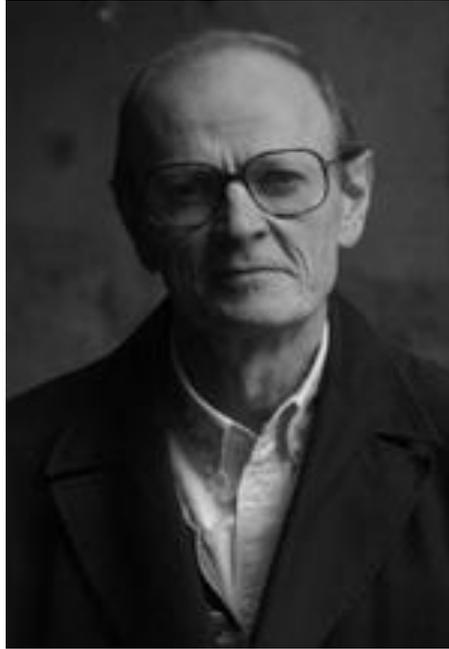


Figura 1: Dr. Dan Olweus, professor de Psicologia afiliado ao Centro de Pesquisa de Promoção da Saúde (HEMIL) da Universidade de Bergen, na Noruega, reconhecido como o pioneiro e fundador do estudo sistematizado sobre o *Bullying*.

O programa antibullying proposto por Olweus tinha como características: maior conscientização sobre o *bullying* para eliminar ideias erradas, promover apoio e proteção aos alvos e ainda alcançar envolvimento ativo entre pais e professores.

2.5 Estudos e constatações sobre o *bullying* no Brasil.

Em 2002, a ABRAPIA em parceria com a Petrobrás, realizou um estudo com 5.875 estudantes de 5^a a 8^a série, de 11 escolas do município do Rio de Janeiro, sendo 9 escolas públicas e 2 particulares onde constatou que naquele ano, 40,5% dos alunos estavam envolvidos de alguma forma com o *bullying*. Onde, 60,2% dos estudantes, apontaram a sala de aula como ambiente de maior ocorrência do *bullying*.

Em 2001, Fante (2005) desenvolveu uma pesquisa que contou com 431 alunos, com idades de 7 a 14 anos, em 5 escolas públicas e 1 particular em dois municípios do interior do estado de São Paulo, onde constatou que 87% dos alunos estavam envolvidos em situações violentas naquele ano letivo; 47% foram identificados como casos de *bullying*. E ainda, entre os locais de manifestação, novamente a sala de aula apareceu com o maior índice, com alunos pertencentes a mesma classe.

Em 2002, outro estudo foi realizado na cidade de São José do Rio Preto, no Estado de São Paulo, Fante (2005) desta vez, com 450 alunos de escola pública, o qual logo no primeiro semestre constatou que 66,92% dos alunos estavam envolvidos em casos de *bullying*. A pesquisa apontou ainda que, 52% dos casos de *bullying* ocorriam em sala de aula, 23% no pátio (hora do recreio), 14% nos corredores, 11% fora da escola e 5% nos banheiros.

O último estudo, em 2003 desenvolvido pela mesma autora, foi realizado também em uma escola pública, onde a maioria dos alunos eram advindos da zona rural de uma cidade do estado de São Paulo, com cerca de 450 alunos de 5ª a 8ª série. Entre os resultados, o estudo revelou que 45% dos alunos estavam envolvidos com o *bullying*.

Com os dados notamos a importância da percepção e ação do professor para enfrentar um fenômeno tão complexo quanto este, pois a maioria das manifestações ocorre dentro de sala de aula, ou seja, sem que o professor tome consciência.

3. CAPÍTULO II. METODOLOGIA

No presente Capítulo apresento os métodos utilizados para a realização deste estudo. Esta pesquisa classifica-se como qualitativa, que de acordo com Godoy (1995, p.58) “não procura enumerar e/ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados, envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo.

Segundo Malheiros (2011) a pesquisa qualitativa é processo que exige muito rigor do pesquisador, porque a observação do fenômeno estará seguramente impregnada pela história pessoal daquele que observa.

Esta pesquisa caracteriza-se também como estudo de caso, que de acordo com Groppo e Martins (2007, p. 30) “trata-se de reunir diversas técnicas de pesquisa, que coletam e registram dados de um caso particular, para analisar e compreender uma situação específica, uma experiência singular.”

3.1 Procedimentos da pesquisa

Para a concretização deste estudo de caso, sustentamo-nos, primeiramente na pesquisa bibliográfica, que segundo Malheiros (2001, p. 81) “a finalidade da pesquisa bibliográfica é identificar na literatura disponível as contribuições científicas sobre o tema específico”, e ainda segundo Groppo e Martins (2007) a pesquisa bibliográfica inicia-se em geral com a consulta ao catálogo das bibliotecas e posteriormente a leitura e análise das obras selecionadas (fichamentos). Fizemos todos esses procedimentos e após a parte teórica concluída, elaboramos algumas questões para realizarmos as entrevistas com professoras do ensino fundamental I.

Para a coleta de dados foram feitas entrevistas com roteiro semiestruturado. De acordo com Malheiros (2011, p. 196) “a entrevista tem sido uma das técnicas mais utilizadas para coletar dados não somente na educação, mas em quase todas as ciências humanas e sociais”.

As questões da entrevista foram elaboradas por mim a partir de inquietações que surgiram com as leituras feitas para base teórica deste estudo, assim como com as vivências durante os estágios no Ensino Fundamental I e relatos de algumas professoras da região de Sorocaba que tenho proximidade e que atuam nas séries iniciais do ensino fundamental I.

As entrevistas foram realizadas sobretudo no contra turno de trabalho das professoras e com o consentimento de cada uma delas pude gravar o áudio das entrevistas, para que fosse possível ouvi-las posteriormente, transcrevê-las e fazer a análise dos dados obtidos relacionando-os com os autores estudados.

As entrevistas deste estudo foram realizadas no segundo semestre de 2014, com cinco professoras que atuam nas séries iniciais do ensino fundamental I em escolas públicas, geograficamente próximas no município de Sorocaba. As entrevistadas possuem de oito à vinte cinco anos na carreira docente. Essas professoras conheci principalmente devido aos estágios não obrigatório que realizei durante a graduação, bem como lecionando eventualmente desde 2010. Essas mesmas professoras, já haviam relatado alguns casos de violência entre seus alunos bem como compartilhado suas angústias e impressões a respeito do assunto de alguma maneira.

Apesar das professoras entrevistadas terem assinado um Consentimento Informado (vide APÊNDICE A) optamos por utilizar as siglas P1, P2, P3, P4 e P5 para designar cada uma delas, assim como não mencionar os dados pessoais e o nome da escola na região de Sorocaba em que atuam. Isto porque, acreditamos que há maior possibilidade de reflexão e crítica a respeito do que foi relatado em conjunto com minhas percepções do ambiente educacional.

A despeito de não revelar o nome da instituição escolar, consideramos importante apresentar algumas de suas características a fim de oferecer ao leitor um quadro geral do contexto de investigação. Utilizarei as siglas E1 e E2 para designar as escolas.

A instituição de ensino denominada neste estudo de E1 atende a cerca de 1.249 alunos do Ensino Fundamental I ao Ensino Médio, sendo 556 no período da manhã, 441 no período da tarde e 252 no período noturno. Localizada não muito longe do centro da cidade a escola atende alunos de vários bairros do município de Sorocaba, entretanto a maioria são advindos de bairros periféricos segundo as professoras entrevistadas. A equipe diretiva da escola conta com um diretor, um vice diretor e um coordenador pedagógico.

A instituição de ensino designada E2 atende alunos da Educação Infantil (Pré- Escola) e Ensino Fundamental I, são aproximadamente 1.100 alunos matriculados. A escola conta ainda com uma sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE). Localizada na zona norte, região considerada periférica do município de Sorocaba a escola atende a maioria da comunidade local. E a equipe diretiva também é composta por um diretor, um vice diretor e um coordenador pedagógico.

O roteiro das perguntas feitas às entrevistadas está descrito no APÊNDICE B e a transcrição das entrevistas na íntegra, com os nomes fictícios, está no APÊNDICE C.

4. CAPÍTULO III. ANÁLISE DE DADOS

No presente capítulo apresento a análise dos dados, procurando colocar em diálogo com as entrevistas dos sujeitos participantes da pesquisa as diversas dimensões que fizeram parte da minha formação até então: minhas impressões como educadora, as diferentes vivências que tive durante todo o período da graduação, os aprendizados construídos por meio dos estágios e também nas oportunidades de lecionar eventualmente e os referenciais teóricos que servem de base a este trabalho.

Dada a relevância de determinados trechos das entrevistas para a compreensão das questões levantadas para esta pesquisa, optei por transcrevê-los no corpo do texto. Algumas palavras desses excertos foram grafadas em **negrito** por opção desta pesquisadora de modo a dar destaque a informações importantes que merecem maior aprofundamento na discussão.

4.1 Concepções docentes sobre o *bullying*.

Neste tópico do Capítulo III apresento a análise dos dados que revelam quais concepções, pensamentos, crenças e ideias as cinco docentes têm atualmente sobre o tema do *bullying*. Este trecho foi constituído a partir das análises das respostas dadas às seguintes perguntas:

- *Bullying*- O que pensa a respeito?
- Que comportamentos entre seus alunos caracterizam como *bullying*?
- Quais as causas e consequências da existência do *bullying* à seu ver?

Sobre a primeira questão – Concepção de *bullying* –, a P1 respondeu que pensa que o *bullying* seja todo tipo de agressão, quando um aluno briga com o outro, bate, chuta e dá socos, digo de acordo com a P1 me descreveu. Ou também, quando isolam algum aluno, coisa que ela afirma acontecer bastante em sua sala. Ela assim relata:

*...as meninas principalmente não querem sentar perto de fulana, com falas do tipo: - porque fulana não é minha amiga. Mas assim, é... Acho que **bullying** existe em todo lugar, não só na escola né Stephanie? É... E as crianças acabam reproduzindo muitas vezes o que vê em casa. Assim... Quando tem algum irmão que xinga, bate, ofende mesmo, na escola chega e faz o mesmo e a gente tenta repreender só que é difícil, a gente não tem apoio dos pais quando falo sobre isso na reunião de pais, na verdade, são pouquíssimos pais*

que aparecem na reunião, normalmente os que não tenho problemas. E assim Stephanne, temos que dar conta de passar todo conteúdo de cada bimestre, as provinhas internas e ainda lidar com esses contratempos, então é... Não é sempre que estou perto quando acontece algum desrespeito um com outro, mas eles vem me contar quando acontece e converso, brigo mesmo com eles para que não aconteça esses tipo de coisa na minha sala, ou mesmo na escola. É conversado sobre ter respeito com o outro quase sempre nas minhas aulas.” (P1)

Com minhas vivências e observações durante os estágios principalmente, percebo assim como a P1 que a questão da família é de fato muito presente, penso também que é necessário um diálogo entre os alunos não admitindo nenhum tipo de desrespeito com o outro principalmente na escola, lugar de construção do conhecimento e convivência com realidades distintas. E o professor tem papel fundamental na prevenção e enfrentamento do *bullying* quando este se faz presente. Penso também que o *bullying* deve ser considerado de maneira abrangente como mencionado por P1. Do mesmo modo como já citado no primeiro capítulo com Silva (2010) que afirma que o *bullying* por ser um fenômeno que é intrínseco às relações interpessoais, pode ocorrer nos mais variados contextos: nas escolas, nas famílias, no ambiente de trabalho, etc. E ainda,

O bullying não pode mais ser tratado como um fenômeno exclusivo da área educacional. Atualmente ele já é definido como um problema de saúde pública, e por isso mesmo, deve entrar na pauta de todos profissionais que atuam na área médica, psicológica e assistencial de forma mais abrangente. Silva (2010, p. 14)

Outro aspecto relevante nesta fala da P1, diz respeito ao modo que o *bullying* ocorre, quando P1 menciona a negação de algumas meninas em se relacionar com outras que consideram que não são suas amigas. A este respeito, Lopes Neto (2005) diz que o *bullying* indireto compreende justamente à atitude de indiferença, isolamento, difamação e negação aos desejos, sendo mais adotados pelas meninas.

Penso que atitudes como estas quando percebida com frequência, faz se necessário o professor trabalhar com as crianças a reflexão de tal conduta, ao invés de encaminhar somente ações punitivas, ou o mero comunicado aos pais. De modo que se estas crianças logo nas séries iniciais já se mostram intolerantes, há de se proporcionar a elas um outro olhar. Promover atividades dinâmicas e em diferentes grupos para que se perceba como é o relacionamento entre os alunos da sala como um todo, fora das “panelinhas”, para que um aprenda com o outro por exemplo.

Ainda sobre “a concepção de *bullying*” –, P2 respondeu que o *bullying* está presente no dia a dia principalmente nas escolas e afeta diretamente o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos que são alvo disso.

Esta fala de P2 diz precisamente o que uma das autoras mencionadas neste estudo evidencia em seus estudos, Fante (2005) considera que o *bullying* pode ser responsável por vários resultados negativos no processo de aprendizagem e no relacionamento interpessoal entre alunos e no próprio desenvolvimento psíquico, devido as suas características, dentre elas: maltratar, causar sofrimento, desestruturar o emocional e acabar com a motivação do aluno em relação à vida escolar.

Esta fala remete-me ao tempo de escola logo nas séries iniciais quando fui alvo de *bullying*, eu não queria ir à escola, me sentia insegura dentro da escola, meu rendimento escolar caiu muito e até hoje sinto os sintomas deste trauma. Penso que os professores devem se atentar aos sentimentos dos alunos além de apenas “passar o conteúdo propriamente dito”, há de se pensar também que o *bullying* por ser um fenômeno complexo, não há “receitas prontas”, há de se ter sensibilidade e envolver-se, no sentido de conhecer a realidade da comunidade que atende, seus alunos e familiares, para que estes possam também contribuir para o enfrentamento do *bullying*.

Oliboni (2008) a este respeito diz que ser professor vai muito além de entrelaçar conhecimentos próprios com conhecimentos dos alunos, há de ter a sensibilidade de enxergar o aluno e seu entorno. É por meio do conhecimento e da sensibilidade que o professor consegue, muitas vezes, detectar em seus alunos problemas visuais, de audição, dificuldades de aprendizagem, violência tanto física como sexual ou tantas outras situações que comprometem o seu aprendizado e desenvolvimento sadio.

A P3, considera que o *bullying* está relacionado às diversas formas de agressividade e um aspecto que ela pontua é justamente a frequência que essas condutas agressivas ocorrem. Observo assim como esta professora que um dos aspectos do *bullying* é exatamente a frequência das agressividades, ou seja, desrespeito constantes contra uma mesma pessoa. E o professor tem papel fundamental na percepção e na ação que enfrente o *bullying*, pois este fenômeno pode causar, sérios danos ao psiquismo dos envolvidos. Fante (2005, p.49) nos atenta no entanto, que “para que um comportamento seja caracterizado como *bullying*, é necessário distinguir os maus-tratos ocasionais e não graves dos maus tratos habituais e graves”, como visto também no primeiro capítulo.

Segundo Tognetta e Vinha (2010, p. 451) “o *bullying* diz respeito às formas de intimidação, de humilhação e menosprezo e conta com ao menos cinco características marcantes”.

Segundo estas autoras, a primeira característica do *bullying* é que trata-se de um formato de violência entre pares, ou seja, entre iguais, não há desnível de poder ou de autoridade entre aqueles que participam.

A segunda característica que explica o fenômeno é a repetição, são sempre atos direcionados a um alvo, por repetidas vezes. E existe uma terceira característica a ser considerada neste fenômeno, há a intenção de ferir. Os indivíduos que fazem *bullying* escolhem intencionalmente seus alvos. Entretanto, nem todos aqueles que são escolhidos como alvo de *bullying* permanecem nessa condição. Apenas aqueles cujas imagens de si empobrecidas revigoram as características postas em evidencia pelos autores de *bullying*.

Existem alguns indivíduos que resistem a se tornar alvo de *bullying*: sustentam sua diferença, não demonstrando medo daqueles que cometem *bullying*. A quinta característica, pontuada por Tognetta e Vinha (2010) é que não há *bullying* sem que haja um público a corresponder com as apelações de quem ironiza, age com sarcasmo e parece liderar aqueles que são as testemunhas das manifestações de *bullying*. Tognetta e Vinha (2010, p. 452) complementam dizendo que:

Enquanto autoridade, muitas vezes não ficamos sabendo dos problemas que passam nossos alunos entre si. Talvez isso também explique porque tem sido tão difícil para os professores considerarem que há sofrimento em jogo. Contudo, o fato de não contarem para suas autoridades, propositalmente, fortalece outro fato interessante: autores de *bullying* precisam fazer com que seu público os venere sabendo de suas proezas. Dão um jeito: ou mandam recado, ou contam sobre suas ações... E o público, por sua vez, quase que em sua totalidade, amedrontado com a possibilidade de se tornar “a próxima vítima”, parece concordar com as ações dos autores, mesmo que seja pela indiferença ou pura aceitação.

P4, disse de forma geral sua visão de *bullying*. Ela acredita que é algo que já existe a muito a tempo, mas somente agora deram o devido valor a esta problemática e um conceito específico.

Concordo com o posicionamento de P4 e complementando sua fala, Fante (2005) diz o *bullying* é considerado um fenômeno bastante antigo, por se tratar de uma forma de violência que sempre houve nas escolas, onde os “valentões” continuam oprimindo e ameaçando suas vítimas, por razões muitas vezes banais.

Há de se pensar também que a escola como um todo, desde os pais, funcionários, alunos e professores. Todos estes sujeitos, tem o papel de prevenir, ou seja, procurar meios para que este fenômeno tenha cada vez menos força, não o percebam como algo natural. De acordo com Constanti (2004) o *bullying* não pode ser caracterizado como conflitos normais ou meras brigas que ocorrem entre estudantes, e sim como verdadeiros atos de intimidação, ameaças que sistematicamente com violência física e psicológica, são repetidamente impostas aos indivíduos.

A P5 também tem uma visão bastante significativa a respeito do que considera que seja *bullying*. Esta professora acredita que todo mundo de alguma forma tenha se envolvido em casos de *bullying*, pelo fato de ficarmos uma boa parte de nossas vidas na escola. Ela acredita também, que o *bullying* surge por meio de más condutas por parte de alguns alunos, e relata da seguinte:

P5: Todo mundo alguma vez acredito que já tenha sofrido bullying na escola né... Como posso explicar, bem... Ficamos uma boa parte da nossa vida na escola ou do nosso tempo na escola né, então acontece de tudo [risos] é na escola que as coisas acontecem e o bullying surge por meio de más condutas por parte de alguns alunos né, digo xingamentos entre eles com o intuito de provocar o outro, essas coisas... Mesmo que não tenha motivo sabe?! Disfarçado de brincadeira, apelidos maldosos em relação a alguma característica física, entende?

Esta fala vêm de encontro com o que Lopes Neto (2005, p. S167) descreve a respeito dos alvos de *bullying*:

Algumas características físicas, comportamentais ou emocionais podem torná-lo mais vulnerável as ações dos autores e dificultar a sua aceitação pelo grupo. A rejeição às diferenças é um fato descrito como de grande importância na ocorrência do *bullying*. No entanto, é provável que os autores escolham e utilizem possíveis diferenças como motivação para as agressões sem que elas sejam, efetivamente, as causas do assédio.

Sobre a segunda questão deste trecho – “quais comportamentos entre os alunos as professoras caracterizam como *bullying*” as respostas foram no geral a respeito de agressividades verbais entre alunos, como: fazer gozações e colocar apelidos pejorativos principalmente. E atitudes como: irritar, ridicularizar e isolar determinado aluno.

A P1 caracteriza comportamentos agressivos brincadeiras de mal gosto entre seus alunos, quando ridicularizam um ao outro, quando percebe algum aluno isolado do grupo ou mesmo quando percebe a resistência de algumas crianças em por exemplo, fazer atividade com determinado aluno. P1 relata da seguinte forma:

P1: *Olha, quando percebo muitas brincadeiras que não gosto, de ficarem zombando um da cara do outro, quando percebo algum aluno isolado do grupo, quando percebo que nenhuma criança quer fazer atividade com determinado aluno, sabe?! Sempre tem... [silêncio] **Quando ridicularizam alguma criança por seu aspecto físico mesmo, eu não admito, converso muito a respeito disso com eles, de respeitar as diferenças...** Mais olha Stephanne, isso me preocupa, porque ocorre com certa frequência, **mas o jeito é não deixar acontecer, repreender mesmo, conversar com os pais mais nem sempre eles nos apoiam, e quem sofre são as crianças.***

Para P2 questionei o seguinte,

Entrevistadora: *E em sala de aula, que comportamentos entre seus alunos você caracteriza como bullying?*

P2: ***Quando colocam algum apelido constrangedor e, mesmo sabendo que o colega ficou chateado, repetem incansavelmente. Já houve caso em que um aluno meu mudou de escola por não conseguir lidar com a situação. Esses apelidos e xingamentos começam devagar e tomam proporções que fica difícil saber como agir.***

Sobre este mesmo questionamento, P3 relatou que quando ocorre ofensas, zombarias, brigas, agressões físicas com frequência são comportamentos que ela caracteriza como *bullying*.

P4, a este respeito relata o seguinte:

P4: *Quando vejo um aluno intimidando o outro sabe, é, do tipo, tem sempre assim sabe, **aquele aluno que agita a sala toda e faz brincadeiras sem graça e se acha superior aos outros e todo mundo quer por algum motivo ser amigo dele, e tem sempre um aluno mais tímido que as vezes não fez nada é só pra pirraçar mesmo que o outro provoca, sabe que o outro não vai reagir, ou não vai vir me contar, vai e provoca e fica se achando o bom, mas eu corto as asas, sempre tem um que vem me contar.***

Lopes Neto (2005) aponta que os indivíduos que cometem *bullying* são pessoas tipicamente popular; no entanto tende a envolver-se em uma variedade de comportamentos antissociais; mostrando-se agressivo inclusive com os adultos; é impulsivo; vê sua agressividade como qualidade; tem julgamentos positivas sobre si mesmo; e geralmente é mais

forte que o indivíduo que persegue; sente prazer e satisfação em dominar, controlar e causar danos e sofrimento nos outros.

P5 diz que considera *bullying* – “**comportamentos que ocorrem com certa frequência por meio de apelidos indesejados que alguns alunos fazem para se divertir as custas dos outros**”.

Como visto no primeiro capítulo, Fante (2005) considera que *bullying* é um subconjunto de comportamentos agressivos que envolvem intimidações, insultos, assédios, exclusões e discriminações de todo gênero. São atitudes caracterizadas pela repetição e, pelo desequilíbrio de poder e pela violência que geralmente acontece sem motivo aparente, cuja finalidade é de maltratar, intimidar, provocar dor, angústia e sofrimento.

Tognetta e Vinha (2010), expõem ainda que, não são brincadeiras ao acaso, são sempre atos direcionados a um alvo, por repetidas vezes. Autores de *bullying* escolhem intencionalmente seus alvos, e estes são justamente aqueles indivíduos que por razões psicológicas concordam com a imagem que seus algozes querem fazer dele: os alvos sentem-se diferentes seja pela roupa que vestem, pela maneira como se relacionam pelas diferenças físicas ou psicológicas, trejeitos e, principalmente, por se sentirem pouco seguros em relação a si mesmos.

Considero que em qualquer sala de aula, é quase impossível que não haja conflitos, entretanto cabe ao professor mediar e intervir nestas situações, bem como trazer reflexões para sala de aula a respeito da solidariedade, justiça, respeito mútuo, diálogo, respeito as diferenças por exemplo. E fazer com que seus alunos reflitam sobre seus atos, ao invés de somente repreender e comunicar os pais.

Sobre “Quais as causas e consequências da existência do *bullying*” - as professoras não se aprofundaram muito em suas respostas, elas pensam que as causas do *bullying* sejam de forma geral: a falta de informação, a falta de educação, problemas familiares, falta de conscientização, personalidade de cada indivíduo e falta de empatia.

De acordo com Lopes Neto (2005, p. S169) “o fenômeno *bullying* é complexo e de difícil solução”, acredito assim, que para lutar contra a existência do *bullying*, é necessária uma mobilização em conjunto, e o professor é um importante aliado nesta luta, primeiramente identificando as causas e organizando sua ação para lidar com cada situação.

Santos (2007) diz que se o professor reflete aos alunos a importância do respeito, tem conhecimentos sobre os direitos das crianças, se faz mediador de um ambiente de amizade, companheirismo e interfere de maneira coesa em brincadeiras de mal gosto, casos de *bullying* tendem a se extinguir no interior da sala de aula. É necessário no entanto justamente uma cooperação entre professor e aluno.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais: Apresentação dos Temas Transversais- Ética (BRASIL, 1997) é um documento que pode e deve ser utilizado de maneira positiva pelos professores das séries iniciais no que diz respeito ao enfrentamento do *bullying* em sala de aula.

O tema Ética traz a proposta de que a escola realize um trabalho que possibilite o desenvolvimento da autonomia moral, condição para a reflexão ética. Para isso foram eleitos como eixos do trabalho quatro blocos: Respeito Mútuo, Justiça, Diálogo e Solidariedade valores referenciados no princípio da dignidade do ser humano, um dos fundamentos da Constituição Brasileira.

O bloco Respeito Mútuo deste documento - traz conteúdos para que o professor trabalhe com seus alunos a respeito da diferença entre as pessoas; o respeito a todo ser humano independente de sua origem social, etnia, religião, sexo, opinião e cultura; o respeito às manifestações culturais, étnicas e religiosas; o respeito mútuo como condição necessária para o convívio social democrático: respeito ao outro e exigência de igual respeito para si. Penso que o professor articulando conteúdos como estes dentro de sala de aula certamente estará prevenindo a ocorrência do fenômeno.

O bloco Justiça- trabalhará de forma geral com a identificação de formas de ação diante às situações em que os direitos dos alunos não estiveram sendo respeitados; a atitude de justiça para com todas as pessoas. Acredito que trabalhando com as crianças desde as séries iniciais a respeito de seus direitos e deveres, certamente fará com que muitos dos envolvidos em manifestações de *bullying* não sofram calados, procurem ajuda e faça com que cada vez menos ocorram desrespeito entre eles.

O bloco Diálogo demonstra de modo geral o uso e valorização do diálogo como instrumento para esclarecer conflitos; a coordenação das ações entre os alunos, mediante o trabalho em grupo; o ato de escutar o outro; a disposição para ouvir ideias, opiniões e argumentos alheios e rever pontos de vista quando necessário. Acredito que o diálogo seja uma das formas mais eficientes de se prevenir o *bullying*, de acordo com Santos (2007, p. 23) “é com o diálogo que o professor faz com que os alunos agressores reflitam sobre os seus maus atos, sobre as consequências que suas atitudes podem gerar nos alunos agredidos.”

O bloco Solidariedade trabalhará com a identificação de situações em que a solidariedade se faz necessária; as formas de atuação solidária em situações cotidianas; a resolução de problemas presentes na comunidade local, por meio de variadas formas de ajuda mútua; a sensibilidade e a disposição para ajudar as outras pessoas, quando isso for possível e desejável. Atitudes que se trabalhadas com as crianças acredito que contribua muito para que se tenha uma relação saudável dentro da escola, além de que assim certamente estará contribuindo para a prevenção do *bullying*. E ainda, de acordo com Lopes Neto (2005, p. S169)

O fenômeno *bullying* é complexo e de difícil solução, portanto é preciso que o trabalho seja continuado. As ações são relativamente simples e de baixo custo, podendo ser incluídas no cotidiano das escolas, inserindo-as como temas transversais em todos os momentos da vida escolar. Deve-se encorajar os alunos a participarem ativamente da supervisão e intervenção dos atos de *bullying*, pois o enfrentamento da situação pelas testemunhas demonstra aos autores que eles não terão o apoio do grupo. Treinamentos através de técnicas de dramatização podem ser úteis para que adquiram habilidade para lidar de diferentes formas. Uma outra estratégia é a formação de grupos de apoio, que protegem os alvos e auxiliam na solução das situações de *bullying*.

A respeito das consequências do fenômeno *bullying*, as professoras pontuaram: problemas de aprendizagem e relacionamento, transtornos e até suicídio.

Como visto no primeiro capítulo, as agressividades ocorridas nas manifestações de *bullying* não se limitam a um fato isolado simplesmente, ou como algo sadio, pelo contrário, é uma agressão contínua, que oprime. Podendo levar o aluno oprimido ao abandono do ambiente escolar. Assim como pode causar também, sérios traumas ao psiquismo (que ocorre na maioria dos casos), chegando até mesmo a casos extremos, como ao suicídio. (OIWEUS, 1998; FANTE 2005; SILVA 2010).

Santos (2007) nos atenta que as consequências referentes ao *bullying* são inúmeras. E ao contrário do que muitos pensam, não é somente os alvos de *bullying* que sofrem as consequências. Os autores e as testemunhas também podem sofrer as consequências tanto no âmbito emocional quanto na aprendizagem.

De acordo com Lopes Neto (2005, p. S168) “o simples testemunho de atos de *bullying* já é suficiente para causar descontentamento com a escola e comprometimento do desenvolvimento acadêmico e social”. Segundo este mesmo autor, para os alvos de *bullying*, as consequências podem ser depressão, angústia, baixa autoestima, estresse, absentismo ou evasão escolar, atitudes de autoflagelação e suicídio. Enquanto os autores dessa prática podem adotar

comportamentos de risco, atitudes delinquentes ou criminosas e acabar tornando-se adultos violentos.

4.1 Formação docente voltada ao enfrentamento do *bullying*.

O presente trecho deste capítulo foi construído a partir das respostas das professoras entrevistadas que têm relação com a formação docente para o trabalho na escola com este problema. As perguntas direcionadas a compreender esta questão foram as seguintes:

- “Como se informou a respeito deste fenômeno?”
- “Em algum momento da sua formação inicial e/ou continuada estudou sobre o *bullying*?”
- “Em situações de *bullying* conta com algum suporte da escola ou mesmo dos responsáveis dos envolvidos?”

Com as duas primeiras perguntas pude perceber que a maioria das professoras se informaram a respeito do *bullying* principalmente em sua formação continuada, por meio de palestras e cursos oferecidos em suas escolas, congressos que participaram, com a leitura de livros, artigos na internet a respeito do assunto e na prática dentro de sala de aula. Apenas uma das professoras disse ter estudado sobre o *bullying* em sua formação inicial de forma específica, as outras apenas de forma geral, em discussão sobre violência nas escolas e/ou em disciplinas como: Psicologia. Santos (2007, p. 18) pensa que

Para se combater ou prevenir o *bullying* na sala de aula não é necessário o conhecimento do professor sobre o conceito de *bullying*, obviamente que se o professor conhecer o que é o *bullying* e suas consequências tudo será facilitado para se trabalhar a sua prevenção na sala de aula. O *bullying*, em um contexto geral nada mais do que uma forma de desrespeito ao próximo, de não aceitação das diferenças e cabe ao professor trabalhar esses conceitos com seus alunos e para isso não é necessário que o professor saiba o que é o *bullying*.

No entanto penso como Rosa & Silva (2013) que o debate sobre o *bullying* e suas formas de intervenção, uma vez presente nos espaços formativos, tanto na formação inicial quanto na continuada, pode colaborar, para que se construa outro tipo de sociabilidade no espaço escolar, pautado por valores de solidariedade e de convivência respeitosa com as diferenças.

E como Moura, Cruz e Quevedo (2011) que o conhecimento sobre as características específicas do *bullying* podem auxiliar nas ações para medidas preventivas sobretudo.

Quando questionei se “em situações de *bullying* as professoras contavam com suporte da escola ou mesmo dos pais dos envolvidos”, tive como objetivo perceber se a escola como ambiente transformador da sociedade, se envolvia para combater este fenômeno estudado de modo a minimizar este tipo de violência e se de alguma maneira os pais colaboravam para o combate a este fenômeno. No entanto as respostas não tiveram o aprofundamento necessário para se discutir amplamente este assunto, tomaram rumos um tanto quanto superficiais.

No entanto, um apontamento feito por uma das professoras, me chamou atenção,

Entrevistadora: E você conta com algum suporte da escola ou mesmo dos responsáveis dos alunos envolvidos para lidar com situações de bullying, como isso se dá?

P2: Alguns pais ajudam muito a escola e dá pra notar os resultados, mas alguns nem aparecem quando pedimos para conversar. Então percebo que nós, dentro de sala de aula, somos as únicas que temos mais chances de mediar essas situações...

O professor não deve portanto admitir qualquer tipo de preconceito e desrespeito entre seus alunos, e não se trata assim de cometer ações punitivas, trata-se de trazer reflexões em torno de conceitos da dignidade do ser humano, onde nenhuma raça é melhor que outra, como por exemplo, bem como fazer que os alunos pensem e reflitam sobre suas próprias condutas (BRASIL, 1997; SANTOS 2007).

E ainda, o discurso do docente deve ser coerente com a sua prática pedagógica de forma que o ensino ético nada adiantará se suas atitudes confrontarem esses ensinamentos. Atitudes respeitadas devem partir do professor, pois estas serão tomadas muitas vezes como modelo, principalmente pelas crianças menores. E o docente sem se dar conta pode colaborar para que casos de *bullying* ocorram em sala de aula, pela maneira que se refere a determinado aluno tratando-o como símbolo de incompetência escolar, por exemplo. (BRASIL, 1997; SANTOS, 2007; OLIBONI 2008).

Penso como Santos (2007) que atitudes como esta é muito comum no cotidiano escolar, e se esse aluno é estigmatizado pela docente, certamente será em algum momento estigmatizado também pelos colegas de sala. Assim a docente da sala de aula, sem se dar conta, pode abrir lacunas para a ocorrência de *bullying* entre seus alunos.

Em outras questões as professoras abordaram um pouco do que eu pretendia com a questão - “Se em situações de *bullying* contavam com algum suporte da escola ou mesmo dos responsáveis dos envolvidos” especificamente. No relato de P3, por exemplo, quando questionei a frequência de comportamentos agressivos entre seus alunos,

Entrevistadora: [...] E assim professora, com que frequência você observa esses comportamentos entre os seus alunos? E qual sua postura em relação a situações como esta?

P3: Na minha sala de aula mesmo não tenho muito problema quanto a isso, mas já tive em outros anos e **minha postura foi encaminhar tanto quem fazia o bullying como quem sofria bullying para psicólogos após ter conversado com os pais dessas crianças e saber como era o comportamento em casa, então foi um caso bem delicado de lidar, e consegui identificar porque o aluno que estava sofrendo bullying, já tinha sido meu aluno em outra série, e eu sabia que não era normal ele faltar e nas atividades mesmo ele não tinha mais o mesmo interesse como antes, e foi aí que eu percebi que algo estava errado...**

E na fala de P2,

Entrevistadora: [...] E assim, com que frequência você observa esses comportamentos entre seus alunos? E qual a sua postura em relação a situações como esta?

P2: Agora com menos frequência, sempre que observo essas situações tento conversar com eles e com o agressor em particular. Isso já resolveu em algumas situações mas em outras não. **A escola pune o aluno que se envolve em qualquer tipo de briga ou desentendimento mas não há uma conscientização específica sobre o bullying. Esse trabalho parte mais de nós professores.**

Reflico como Lopes Neto (2005) que avaliar o bom desempenho dos alunos pelas notas dos testes e cumprimento das tarefas não é suficiente, assim sendo, perceber e monitorar as habilidades ou possíveis dificuldades que possam ter nossos alunos em seu convívio social com os colegas passa a ser atitude obrigatória daqueles que assumiram a responsabilidade pela educação de forma geral. Cabe as escolas no entanto, aperfeiçoarem suas técnicas de intervenção e buscar a cooperação de outras instituições, como os centros de saúde, conselhos tutelares e redes de apoio social para lidar com cada caso. E ainda, aos alunos autores, devem ser dadas condições para que desenvolvam comportamentos solidários e sadios, evitando o uso de ações puramente punitivas, como castigos, suspensões ou exclusão do ambiente escolar, pois atitudes como estas acabam por marginalizá-los.

4.3 Olhares das professoras sobre o problema.

Neste tópico são analisados os discursos das professoras sobre suas observações na escola a respeito do problema em questão, sobre as posturas assumidas por elas e sobre possíveis soluções que acreditam existir para este fenômeno. Isso foi investigado por meio das seguintes perguntas:

- “Com que frequência observa esses comportamentos entre seus alunos? E qual sua postura em relação a situações como esta?”
- “O que considera que poderia ser feito para o enfrentamento do *bullying*?”
- “O que considera necessário para se acabar com o *bullying*?”

Com a primeira questão- “Com que frequência observa esses comportamentos entre seus alunos? E qual sua postura em relação a situações como esta?”, ficou evidente que as professoras entrevistadas possuem um olhar sensível em relação a seus alunos, pois em todos relatos disseram que de alguma forma conseguiam contornar a situação, como por exemplo: com o diálogo entre seus alunos e pais, através de trabalhos de conscientização bem como em parceria com os pais e a escola de modo a encaminhar para especialista tanto os alvos como autores de *bullying*. O que considero um avanço, pois em muitos estudos poucos esforços partiam dos professores para lidar com *bullying* dentro de sala de aula.

Sobre as duas últimas questão deste trecho sobretudo a respeito do enfrentamento do *bullying*, as professoras entrevistadas acreditam de modo geral que parte de um trabalho em conjunto, diálogo com os alunos, pais e comunidade como um todo a respeito da temática, formação continuada de modo que saibam como lidar com essas situações e como trabalhar dentro de sala de aula com a temática, a mobilização da escola como um todo e o trabalho de conscientização são alguns dos apontamentos feitos por essas professoras. A fala de P1 no entanto reflete o desafio dentro da escola em como enfrentar o *bullying*. P1 relata da seguinte forma:

P1: Olha... Conversar muito com as crianças sobre respeito mútuo, conversar com pais para não admitirem esses tipos de conduta, a escola se mobilizar como um todo e fazer trabalhos com assuntos como este minimizaria maus comportamentos, bom eu pelo menos acredito sabe?

[Risos] Mais assim, tem muitas professoras que fecham os olhos, acham que isso não cabe a elas, pois estão ali somente para ensinar, eu não me conformo com isso, ainda mais dentro da escola sabe Stephanne?! Você me entende [risos]. É aquilo né, professores e professores, infelizmente.

Acredito assim como Santos (2007) que dentre todas as atribuições dada ao professor, uma delas certamente se refere ao combate e prevenção do *bullying*. Assim, conduzir os alunos para estes tenham uma boa conduta, visando o respeito das diferenças individuais de cada sujeito é parte fundamental da profissão docente, não visando somente ao tradicional e limitado processo de transmissão do conhecimento.

Acredito também assim como descrito no documento: Parâmetros Curriculares Nacionais- Apresentação dos Temas Transversais- Ética (BRASIL, 1997) a respeito da pluralidade cultural que:

Para viver democraticamente em uma sociedade plural é preciso respeitar os diferentes grupos e culturas que a constituem. A sociedade brasileira é formada não só por diferentes etnias, como por imigrantes de diferentes países. Além disso, as migrações colocam em contato grupos diferenciados. Sabe-se que as regiões brasileiras têm características culturais bastante diversas e a convivência entre grupos diferenciados nos planos social e cultural muitas vezes é marcada pelo preconceito e pela discriminação. O grande desafio da escola é investir na superação da discriminação e dar a conhecer a riqueza representada pela diversidade etnocultural que compõe o patrimônio sociocultural brasileiro, valorizando a trajetória particular dos grupos que compõem a sociedade. Nesse sentido, a escola deve ser local de diálogo, de aprender a conviver, vivenciando a própria cultura e respeitando as diferentes formas de expressão cultural. (P. 27)

As professoras entrevistadas apontaram ainda o que consideram para acabar de fato com o *bullying*:

P1: *...olha Stephanne, assim, precisamos ter um olhar mais sensível em relação ao outro, então desde os pais, escola, professores, alunos tem que cooperar. Melhorar a relação entre nós mesmo acredito que seja o primeiro passo, isso...*

P2: *A conscientização dos alunos automaticamente faria com que o bullying desaparecesse.*

P3: *Considero que devemos ter um olhar mais sensível do que está a nossa volta, respeitar o próximo.*

P4: Na verdade educação é a base, começa com a educação para acabar com o bullying.

P5: Bom, eu acho que deveria antes de tudo ter mais diálogo nós professores com os pais e a escola como um todo. Mais é, sinto a resistência quanto a isso, não sei te explicar exatamente o porquê, na prática aqui na escola, no dia a dia é tudo tão burocrático, temos que dar conta do conteúdo, de elaborar aulas, que é só quando como no caso agora que paramos pra pensar sobre isso e como agir contra isso, que damos uma acordada.

Acredito que estas falas resumem muito bem um pouco do olhar que devemos ter enquanto educadores, e a sensibilidade de lidar com um fenômeno tão complexo quanto este.

E retomando à epígrafe deste estudo, acredito como Paulo Freire que “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela, tampouco a sociedade muda.”

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise cuidadosa das falas das entrevistadas foi possível obter uma maior compreensão das ideias que dizem respeito ao *bullying* e à possibilidade de atuação docente frente ao problema.

Foi possível observar que para enfrentar o *bullying* é necessária uma postura do docente em relação à classe que trabalhe com seus alunos valores sobre a trajetória particular dos grupos que compõem a nossa sociedade marcada pela riqueza da pluralidade cultural. Isto porque, foi verificado que, de fato, contextos externos nos quais os estudantes vivem e dos quais trazem influências, tais como das suas famílias, são muito presentes na questão do *bullying* que deve ser considerado de maneira abrangente, não se limitando à escola, já que é um fenômeno intrínseco às relações interpessoais e pode ocorrer nos mais variados ambientes (SILVA, 2010).

Foi possível também ter maior consciência da importância do docente frente ao combate do *bullying* no contexto escolar, que é um fenômeno antigo, forma de violência que sempre existiu nas escolas como opressão de uns sobre outros, por razões frequentemente corriqueiras ou ordinárias.

Neste sentido, observou-se que a maioria das professoras procura informação sobre este tema principalmente durante processos de formação continuada, por meio de palestras e cursos oferecidos em suas escolas, congressos que participaram, com a leitura de livros, artigos na internet a respeito do assunto e na prática dentro de sala de aula. Isto pode revelar a necessidade de inclusão deste assunto nas salas de aula da formação inicial de professores, para que os profissionais da educação estejam capacitados a trabalhar com a prevenção do desrespeito ao próximo, da aceitação das diferenças, para que se construa outro tipo de sociabilidade no espaço escolar, pautado por valores de solidariedade e respeito.

Foi verificada a importância das ações preventivas, não bastando à escola e seus profissionais se limitarem a conduzir processos pedagógicos e avaliar o desempenho dos alunos por meio de notas, mas sim, estarem atentos a dificuldades que possam ter em relação ao convívio social com seus pares, aperfeiçoando modos de intervenção e, caso se julgue salutar, buscando a cooperação de outras instituições que possam apoiar a compreensão desta tarefa, tais como centros de saúde, grupos de pesquisa, conselhos tutelares e redes de apoio social.

Os dados analisados revelaram que as professoras que se mostram preocupadas não somente com o desenvolvimento acadêmico de seus alunos mas também atentas ao desenvolvimento emocional e psicológico, não permitindo brincadeiras ofensivas referentes a prática do *bullying*, conversando com as crianças sobre respeito mútuo, conversando com pais

para sugerir que estejam atentos e não aceitem com naturalidade condutas agressivas, mobilizando a escola para este assunto, podem contribuir para minimizar os casos de violência.

Espera-se com esse estudo ter contribuído com a reflexão sobre a possibilidade de atuação e ação docente frente as manifestações de *bullying* e ainda, espera-se dar continuidade a estudos que possam descobrir outras formas de combater este tipo de violência que gera traumas, ansiedades e medos que podem prejudicar crianças e adolescentes tanto a curto como a longo prazo.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ABRAMOVAY, M. & RUA, M. G. **Desafio e alternativas: violência nas escolas**. Brasília: UNESCO/UNDP, 2003.

ANTUNES, Deborah Christina e ZUIN, Antônio Álvaro Soares. **Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação**. *Psicol. Soc.* [online]. 2008, vol.20, n.1, pp. 33-41.

ARAÚJO, Synara Carvalho Branquinho. **Bullying: Os significados para os docentes do ensino fundamental das escolas públicas municipais da cidade de Rio Verde– Goiás**. Goiânia, 2012. 90 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia)- Programa de Pós Graduação de Psicologia, Pontifícia Universidade de Goiás, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS**. Brasília: MEC/SEF, 1997. v.8

CONSTANTINI, Alessandro. **Bullying, como combatê-lo?** Prevenir e enfrentar a violência entre os jovens. Tradução Eugênio Vinci de Moraes. São Paulo: Itália Nova Editora. 2004.

COSTA, Miguel Ataíde Pinto da; SOUZA, Marcos Aguiar de e OLIVEIRA, Valéria Marques de. **Obesidade infantil e bullying: a ótica dos professores**. *Educ. Pesqui.* [online]. 2012, vol.38, n.3, pp 653-665. Epub 31 de julho de 2012.

FANTE, C. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas: Verus, 2005

FANTE, C., PEDRA, J. A. **Bullying escolar: perguntas e respostas**. Porto Alegre:Artemed, 2008.

FRANCISCO, Marcos Vinicius; LIBORIO, Renata Maria Coimbra. **Um estudo sobre o bullying entre escolares do ensino fundamental**. *Psicol. Reflexo. Crit.* Porto Alegre, v.22, n. 2, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 42.^a edição.

GONÇALVES, Catarina Carneiro. **Concepção e julgamento moral de docentes sobre bullying na escola**. João Pessoa- Paraíba, 2011. 146 p. Dissertação (Mestrado em Educação)- Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, 2011.

GROPPO, Luís Antonio e MARTINS, Marcos Francisco. **Introdução a Pesquisa em Educação**. Campinas, 2007.

LOPES NETO, Aramis A. **Bullying: Comportamento agressivo entre estudantes**. J. Pediatr. (Rio J.), Porto Alegre, v 81, n. 5, supl. Novembro 2005.

MALHEIROS, Bruno Taranto. **Metodologia da Pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

MALTA, Deborah Carvalho et al. **Bullying nas escolas brasileiras: resultados da Pesquisa Baseada na Escola Nacional de Saúde (PeNSE)**, 2009. Ciênc. saúde coletiva [online]. 2010, vol.15, suppl.2 [citado 2014/06/19], pp 3065-3076.

MOURA, Danilo Rolim de; CRUZ, Ana Catarina Nova e QUEVEDO, Luciana de Ávila. **Prevalência e características de escolares vítimas de bullying**. J. Pediatr. (Rio J.) [online]. 2011, vol.87, n.1, pp 19-23.

MUNARIN, José Carlos. **A escola como espaço de convivência: a prevenção e a redução do bullying escolar**. Presidente Prudente, 2007. 178 p. Dissertação (Mestrado em Educação)-Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade do Oeste Paulista, 2007.

NETO A.L, SAAVEDRA L.H. **Diga NÃO para o Bullying**. Rio de Janeiro: ABRÁPIA; 2004.

NOGUEIRA, Rosana Maria C. Del Picchia. **Violência na escola: em busca de definições**. São Paulo: Psicopedagogia On Line, 2004.

OLIBONI, Samara Pereira. **O bullying como violência velada: a percepção e ação dos professores**. Rio Grande, 2008. 110 p. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental). Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental, Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2008.

OLWEUS, Dan. **Aggression in the schools: bullies and whipping boys**. Washington, Hemisphere, 1978.

OLWEUS, D. **Conductas de acoso y amenaza entre escolares**. Madrid: Ediciones Morata, 1998.

OLWEUS, D. **Europe – Scandinava – Sweden**. In P. K. Smith, Y. Morita, J. Junger-Tas, D. Olweus, R. Catalano and P. Slee (eds). *The Nature of School .Bullying – A cross-national perspective*. London and New York: Routledge, 7-27, 1999

PALACIOS, Marisa; REGO, Sergio. **Bullying: Mais uma epidemia invisível?** Rev. bras. educ. med. , Rio de Janeiro, v 30, n. 1, abril de 2006.

SANTOS, Luciana Pavan Ribeiro dos. **O papel do professor diante do bullying em sala de aula**. Bauru 2007. 56 p. Projeto de pesquisa, Faculdade de Ciências – UNESP, 2007.

SILVA, Elizângela Napoleão da; ROSA, Ester Calland de S. **Professores sabem o que é bullying? Um Tema para a formação docente**. Psicol. Esc. Educ., Maringá, v.17, n. 2,

dezembro de 2013.

TOGNETTA, Luciene Regina Paulino e VINHA, Telma Pileggi. **Até quando? *Bullying* na escola que prega a inclusão social.** Revista Educação, Santa Maria, v. 35, n°. 3, set/dez. 2010, p. 449-464.

APÊNDICE - A**MODELO DO CONSENTIMENTO INFORMADO ASSINADO PELAS
PROFESSORAS ENTREVISTADAS****CONSENTIMENTO INFORMADO**

Eu, _____,
educadora/professora da instituição _____ autorizo a utilização das informações por mim fornecidas durante a entrevista realizada por Stephanie Cavalcante dos Santos para fins de pesquisa de seu TCC- Trabalho de Conclusão de Curso e futuras publicações nos campos da educação, com orientação da Prof^ª Lucia Maria Salgado dos Santos Lombarbi.

Estou ciente que os dados coletados nesta entrevista serão usados como elementos de análise para pesquisa sobre a possibilidade de atuação docente sobre o *bullying* nas séries iniciais, assim como podem vir a ser publicados em futuros trabalhos acadêmicos.

A autora compromete-se a levar ao(à) entrevistado(a) o texto após transcrição da entrevista, análise e finalização.

Sorocaba, ____ de _____ 2014.

Assinatura educador(a)/professor(a)

APÊNDICE- B

MODELO DA ENTREVISTA- SEMI ESTRUTURADA

DADOS PESSOAIS

Nome

Idade

Formação Acadêmica

Tempo de atuação docente

No Ensino Fundamental I – Serie que leciona

CARREIRA DOCENTE

- *Bullying* - O que pensa a respeito?

- Como se informou a respeito deste fenômeno?

- Em algum momento da sua formação inicial e/ou continuada estudou sobre o *bullying*?

EM SALA DE AULA

- Que comportamentos entre seus alunos caracteriza como *bullying*?

- Com que frequência observa esses comportamentos entre seus alunos? E qual sua postura em relação a situações como esta?

- Em situações de *bullying* conta com algum suporte da escola ou mesmo dos responsáveis dos envolvidos?

- O que considera que poderia ser feito para o enfrentamento do *bullying*?

- Quais as causas e consequências da existência do *bullying* à seu ver?

- O que considera que necessita para acabar com o *bullying*?

APÊNDICE- C

ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA

SIGLA: P1

Entrevistadora: Bom, o que você pensa a respeito do *bullying* como um todo? Qual a sua opinião? Seja na sua escola, seja em sala de aula...

P1: “Olha Stephanne, penso que o *bullying* seja todo tipo de agressão, é... por exemplo, quando um aluno briga com o outro, bate, chuta, da socos... esses tipos de coisas sabe?! Ou assim, quando isolam algum aluno, é... acontece bastante na minha sala mesmo... As meninas principalmente não querem sentar perto de fulana, com falas do tipo, porque fulana não é minha amiga. Mas assim, é... acho que *bullying* existe em todo lugar, não só na escola né Stephanne? É... e as crianças acabam reproduzindo muitas vezes o que vê em casa, assim... quando tem algum irmão que xinga, bate, ofende mesmo... na escola chega e faz o mesmo e a gente tenta repreender só que é difícil, a gente não tem apoio dos pais quando falo sobre isso na reunião de pais, na verdade, são pouquíssimos pais que aparecem na reunião, normalmente os que não tenho problemas. E assim Stephanne, temos que dar conta de passar todo conteúdo de cada bimestre, as provinhas internas e ainda lidar com esses contratempos, então é... não é sempre que estou perto quando acontece algum desrespeito um com outro, mas eles vem me contar quando acontece e converso, brigo mesmo com eles para que não aconteça esses tipo de coisa na minha sala, ou mesmo na escola. É conversado sobre ter respeito com o outro quase sempre nas minhas aulas.”

Entrevistadora: Entendi... [silêncio]

Entrevistadora: É, e em algum momento da sua formação inicial e/ou continuada estudou sobre o *bullying*? Caso não, como você se informou a respeito deste assunto?

P1: Quando eu fiz o curso de Pedagogia não estudei de fato sobre o *bullying* Stephanne, lembro vagamente de algumas discussões a respeito do comportamento de crianças e adolescentes nas

disciplinas de Psicologia, sabe?! Mas especificamente do *bullying*, não... É... e em uma feira de livros que fui a muito tempo em São Paulo, acho que 2006...ganhei um livro não lembro o autor sobre *bullying*, muito bom.. Eu te mando depois o nome se você precisar, pode ser? Há... E algumas palestras e cursos para professores já abordaram sobre o tema também e participei.

Entrevistadora: Hum... Entendi...

Entrevistadora: E assim, que comportamentos entre seus alunos você caracteriza como *bullying*?

P1: Olha, quando percebo muitas brincadeiras que não gosto, de ficarem zombando um da cara do outro, quando percebo algum aluno isolado do grupo, quando percebo que nenhuma criança quer fazer atividade com determinado aluno, sabe?! Sempre tem... [silêncio] Quando ridicularizam alguma criança por seu aspecto físico mesmo, eu não admito, converso muito a respeito disso com eles, de respeitar as diferenças...

Mais olha Stephanie, isso me preocupa, porque ocorre com certa frequência, mas o jeito é não deixar acontecer, repreender mesmo, conversar com os pais mais nem sempre eles nos apoiam, e quem sofre são as crianças.

Entrevistadora: Sim...

Entrevistadora: E em relação a frequência desses acontecimentos, é... Com que frequência você observa esses comportamentos entre seus alunos? E qual sua postura em relação a situações como esta?

P1: Com bastante frequência, minha postura é não deixar acontecer, repreender, conversar com os pais como já te falei, é preocupante. Minha postura como professora é instruí-los de que isso não é admissível, já inclusive pedi que fizessem por meio de desenhos explicar situações na sala de aula ou mesmo na escola que não podem, nem devem ocorrer e expusemos os trabalhos. Mas assim Stephanie, é trabalho de formiguinha, algumas colegas minha de trabalho mesmo, acham que eu me preocupo demais com alguns maus comportamentos da minha turma, de alguns alunos em especial, me falam “os pais sabem os filhos que tem né?”, sim concordo, mas também não posso ficar de braços cruzados, esperando só dos pais, ou achando que eles vão

mudar sozinho, então eu intervenho mesmo para que não ocorra de fato esse tipo de conduta na minha sala sabe?

Entrevistadora: Compreendo... Legal...

Entrevistadora: E em relação a manifestações que você considera como *bullying*, você conta com algum suporte da escola ou mesmo dos responsáveis dos envolvidos?

P1: Da direção somente se foge a meu controle e dos pais quando o que eu faço não surte efeito, é... No dia a dia quando raramente encontro os pais desses alunos que me dão certo problema dentro de sala de aula, eu puxo a orelha mesmo (risos) conto o que ocorreu e peço que conversem com seus filhos a respeito né, eu como professora me sinto na obrigação de alertar sobre as condutas dos seus filhos.

Entrevistadora: [Risos] Sim...

Entrevistadora: E assim, o que você considera que pode ser feito para o enfrentamento do *bullying*? Seja na escola, seja em sala de aula...

P1: Olha... Conversar muito com as crianças sobre respeito mútuo, conversar com pais para não admitirem esses tipos de conduta, a escola se mobilizar como um todo e fazer trabalhos com assuntos como este minimizaria maus comportamentos, bom eu pelo menos acredito sabe? [Risos] Mais assim, tem muitas professoras que fecham os olhos, acham que isso não cabe a elas, pois estão ali somente para ensinar, passar conteúdo e eu não me conformo com isso, ainda mais dentro da escola sabe Stephanie?! Você me entende [risos]. É aquilo né, professores e professores, infelizmente.

Entrevistadora: [Risos] Sim, questão um tanto quanto delicada...

Entrevistadora: E na sua opinião quais as causas e consequências da existência do *bullying*?

P1: Acredito que tem muita influência da família sim, mais não culpo somente os pais, tem crianças que são mais difíceis mesmo de lidar Stephanie, a escola culpa o pai, e o pai culpa a escola. Assim, é... Como posso dizer, causas são inúmeras, seja por más companhias também,

tem crianças que são mais calmas outras mais agressivas. Ai essa pergunta é difícil [risos]. As consequências, bom, hum... vou dar um exemplo, porque não tô sabendo explicar, o mesmo das meninas, quando elas se recusam a se sentarem perto de determinada criança, gera assim, um sentimento de rejeição no outro, eu me incomodo com isso, nossa... É desde cedo, que temos impedir condutas como esta, pode causar muito a baixa estima, estigmas de si mesmo, sabe? Isso...

Entrevistadora: Sei sim...

Entrevistadora: E neste mesmo sentido, o que você considera que necessita para acabar de fato com o *bullying*?

P1: Ai agora você esta só piorando minha situação [risos]. Olha Stephanie, assim, precisamos ter um olhar mais sensível em relação ao outro, então desde os pais, escola, professores, alunos tem que cooperar. Melhorar a relação entre nós mesmo acredito que seja o primeiro passo, isso...

Entrevistadora: Entendi... Ok professora é isso... Obrigada por sua colaboração!

SIGLA: P2

Entrevistadora: Professora o que você pensa a respeito do bullying como um todo? Qual a sua opinião sobre o que é *bullying*.

P2: Isso está presente em nosso dia a dia, principalmente nas escolas e afeta diretamente o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos que são vítimas disso, afeta a auto estima, além de ocasionar brigas entre eles. As vezes uma simples brincadeira pode tomar proporções maiores e ocasionando *bullying*. O aluno que é vítima de *bullying* deve procurar alguém que confie na escola e relatar a situação para que as devidas precauções sejam efetivadas e os pais precisam conversar com seus filhos em casa, o respeito é primordial e evita muitos constrangimentos. Acho que é um pouco isso...

Entrevistadora: Sim... E professora, como você se informou a respeito do *bullying*? Em algum momento da sua formação inicial e/ou continuada você estudou sobre este assunto?

P2: Tomei conhecimento do assunto na faculdade, através de alguns professores que abordaram o tema e também através de formação continuada, cursos e palestras para professores...

Entrevistadora: E em sala de aula, que comportamentos entre seus alunos você caracteriza como *bullying*?

P2: Quando colocam algum apelido constrangedor e, mesmo sabendo que o colega ficou chateado, repetem incansavelmente. Já houve caso em que um aluno meu mudou de escola por não conseguir lidar com a situação. Esses apelidos e xingamentos começam devagar e tomam proporções que fica difícil saber como agir.

Entrevistadora: Entendo... E assim, com que frequência você observa esses comportamentos entre seus alunos? E qual a sua postura em relação a situações como esta?

P2: Agora com menos frequência, sempre que observo essas situações tento conversar com eles e com o agressor em particular. Isso já resolveu em algumas situações mas em outras não. A escola pune o aluno que se envolve em qualquer tipo de briga ou desentendimento mas não há uma conscientização específica sobre o *bullying*. Esse trabalho parte mais de nós professores.

Entrevistadora: E você conta com algum suporte da escola ou mesmo dos responsáveis dos alunos envolvidos para lidar com situações de *bullying*, como isso se dá?

P2: Alguns pais ajudam muito a escola e dá pra notar os resultados, mas alguns nem aparecem quando pedimos para conversar. Então percebo que nós, dentro de sala de aula, somos as únicas que temos mais chances de mediar essas situações...

Entrevistadora: E o que você considera que poderia ser feito para o enfrentamento do *bullying*?

P2: Acho que escola deveria promover palestras e debates sobre o assunto, com o apoio da família, basicamente isso...

Entrevistadora: Na sua opinião quais as causas e consequências do *bullying* na escola?

P2: Causas acredito que seja a falta de informação, falta de conscientização e principalmente falta de empatia. As consequências são: alunos desmotivados, com baixa autoestima, problemas de aprendizagem e relacionamento...

Entrevistadora: Compreendo...

Entrevistadora: E o que você considera que necessita para de fato acabar com o *bullying* na escola?

P2: Acho que a conscientização dos alunos automaticamente faria com que o *bullying* desaparecesse...

Entrevistadora: Bom, é isso, obrigada professora por suas respostas!

SIGLA: P3

Entrevistadora: Professora, o que você pensa a respeito do *bullying*? Poderia conceituá-lo?

P3: Vamos lá... *Bullying*, hum... *Bullying* diz respeito a intolerância de todo tipo, desrespeito com o próximo mesmo entende? tem muita semelhança com o preconceito, porque ocorre com frequência casos de alunos que ficam ridicularizando o outro seja por conta de características físicas de algum aluno... da roupa que tal aluno usa... da casa que tal aluno mora... uma série de condutas agressivas que um faz do outro, tentando menosprezar por qualquer característica que fuja dos padrões de cada um.

Entrevistadora: Entendo...

Entrevistadora: E como você se informou a respeito deste fenômeno professora? Em algum momento da sua formação inicial e/ou continuada estudou sobre este assunto?

P3: Ganhamos um livro aqui na escola faz um tempinho e eu pude me informar mais a respeito deste assunto. Eu na verdade Stephanie não me lembro de ter estudado de fato sobre *bullying* na durante a faculdade, até porque são recentes os estudos sobre *bullying* ao meu ver....

Entrevistadora: Em sala de aula, que comportamentos entre seus alunos você caracteriza como *bullying* professora?

P3: Quando ocorre ofensas, zombarias, brigas, agressões físicas com frequência, são comportamentos como este que considero como *bullying*. Mais na minha sala não ocorre esses tipos de comportamento e sim casos pontuais que a meu ver não é *bullying*, a gente tem que ter muito cuidado quanto a distinguir isso. Só o que ocorre com frequência é *bullying*

Entrevistadora: Muito interessante sua fala. E assim professora, com que frequência você observa esses comportamentos entre os seus alunos? E qual sua postura em relação a situações como esta?

P3: Na minha sala de aula mesmo não tenho muito problema quanto a isso, mas já tive em outros anos e minha postura foi encaminhar tanto quem fazia o *bullying* como quem sofria *bullying* para psicólogos após ter conversado com os pais dessas crianças e saber como era o comportamento em casa, então foi um caso bem delicado de lidar, e consegui identificar porque o aluno que estava sofrendo *bullying*, já tinha sido meu aluno em outra série, e eu sabia que não era normal ele faltar e nas atividades mesmo ele não tinha mais o mesmo interesse como antes, e foi aí que eu percebi que algo estava errado...

Entrevistadora: É... E em situações de *bullying* você conta com algum suporte da escola ou mesmo dos responsáveis dos envolvidos?

P3: Sim... É um trabalho em conjunto. [Silêncio]

Entrevistadora: Na sua opinião professora, o que considera que poderia ser feito para o enfrentamento do *bullying*?

P3: Para enfrentar o *bullying* a gente tem saber, primeiramente nos informar sobre né... Como professores nunca paramos de estudar, em sala de aula devemos estar sempre atentas a nossos alunos...

Entrevistadora: E na sua opinião professora, quais as causas e consequências da existência do *bullying*?

P3: Relação um com o outro não é fácil, cada um traz consigo suas crenças, valores, comportamentos e devemos saber lidar uns com os outros, as consequências do *bullying* são as mais nefastas pelo fato de poder levar ao suicídio pelo que já li....

Entrevistadora: O que você considera que seja necessário para acabar com o *bullying*?

P3: Considero que devemos ter um olhar mais sensível do que está a nossa volta, respeitar o próximo!

Entrevistadora: Bom, professora acho que é isso ...Obrigada por sua colaboração!

SIGLA: P4

Entrevistadora: Professora, na sua opinião o que é *bullying*? O que pensa a respeito?

P4: O que eu penso a respeito, é algo que já existe a muito a tempo, só que agora que deram um conceito a isto. Na minha época de escola já existia porém não davam o devido valor a esta temática como hoje

Entrevistadora: E como se informou a respeito deste fenômeno professora? Em algum momento da sua formação inicial e/ou continuada estudou sobre este assunto?

P4: Durante um congresso que fui com as professoras acredito que 2010 ou 2011 assistimos uma palestra muito interessante a respeito da violência escolar e trazia algumas discussões sobre o *bullying*. Na faculdade lembro de algumas discussões mais nada muito específico sabe?! Com temas mais abrangentes como a violência nas escolas...

Entrevistadora: É, e que comportamentos entre seus alunos você caracteriza como *bullying*?

P4: Quando vejo um aluno intimidando o outro sabe, é, do tipo, tem sempre assim sabe aquele aluno que agita a sala toda, e faz brincadeiras sem graça e se acha superior aos outros e todo mundo quer por algum motivo ser amigo dele, e tem sempre um aluno mais tímido que as vezes não fez nada é só pra pirraçar mesmo que o outro provoca, sabe que o outro não vai reagir, ou não vai vir me contar, vai e provoca e fica se achando o bom, mas eu corto as asas, sempre tem um que vem me contar.

Entrevistadora: E com que frequência você observa esses comportamentos entre seus alunos? Em situações como esta, qual sua postura?

P4: Cada vez tem menos frequência porque eu não deixo acontecer, eu percebo tudo eles acham que nos engana né?! Eu não fecho os olhos não [risos]. Minha postura é essa, e assim acho que algum caso mais grave é preciso intervir com o apoio dos pais também, depende muito do que ocorre e como ocorre, cada caso é um caso.

Entrevistadora: (Risos) E em situações que você considera como *bullying*, você conta com algum suporte da escola ou mesmo dos responsáveis dos envolvidos?

P4: Sim, tenho um diálogo muito bom com os pais principalmente

Entrevistadora: Professora, e o que você considera que poderia ser feito para o enfrentamento do *bullying*?

P4: Bom, não deixar acontecer né, trabalhar isso com as crianças, contar com a ajuda dos pais também é essencial.

Entrevistadora: Na sua opinião, quais as causas e as consequências da existência do *bullying*?

P4: Hum... [silêncio] Falta de educação desde casa seria uma das causas a meu ver, é bastante polêmico este assunto não vou me estender... As consequências são N fatores, baixo rendimento escolar, o aluno começa a não querer vir para escola, afeta a saúde mental da criança acredito...

Entrevistadora: Para fecharmos, o que você considera que necessita para acabar com o *bullying* de fato?

P4: Na verdade educação é a base, começa com a educação para acabar com o *bullying*.

Entrevistadora: Professora, muito obrigada pela sua colaboração!

SIGLA: P5

Entrevistadora: A respeito do *bullying*, o que pensa sobre este assunto, qual a sua opinião professora?

P5: Todo mundo alguma vez acredito que já tenha sofrido *bullying* na escola né... Como posso explicar, bem... Ficamos uma boa parte da nossa vida na escola ou do nosso tempo na escola né, então acontece de tudo (risos) é na escola que as coisas acontecem e o *bullying* surge por meio de más condutas por parte de alguns alunos né, digo xingamentos entre eles com o intuito

de provocar o outro, essas coisas... Mesmo que não tenha motivo sabe?! Disfarçado de brincadeira, apelidos maldosos em relação a alguma característica física, entende?

Entrevistadora: Sim professora...

Entrevistadora: E como você se informou a respeito deste fenômeno? Em algum momento da sua formação inicial e/ou continuada estudou sobre o *bullying*?

P5: Bom, já li algumas trágicas notícias a respeito né, tem muita coisa na internet e de fato é um fenômeno preocupante, assim por que, temos muitos alunos dentro de sala de aula, realidades diferentes, então tenho trabalhado desde o começo do ano com eles em se respeitarem a cima de tudo... Pelo que eu me lembre não Stephanne, fiz magistério e pedagogia eu fui saber mais respeito do *bullying* na prática mesmo, quer dizer, na verdade com alunos que já me deixaram de cabelo em pé [risos].

Entrevistadora: [Risos] E que comportamentos entre seus alunos você caracteriza como *bullying*?

P5: Comportamentos que ocorrem com certa frequência por meio de apelidos indesejados que alguns alunos fazem para se divertir as custas dos outros, ai isso tive que conversar sério com alguns alunos e informar os pais, que felizmente me apoiaram, sempre que preciso. Atitudes desse tipo

Entrevistadora: E com que frequência professora, você observa esses comportamentos entre seus alunos? E qual sua postura em relação a situações como esta?

P5: Não é com tanta frequência agora que vejo meus alunos com atitudes de xingar o outro, existe sim alguns comportamentos que são pontuais e eles mesmo se resolvem, já foi muito pior no começo do ano, todo dia era uma tortura pra mim, principalmente quando eles voltavam do intervalo da hora lanche, era só problema, de apelido, que fulano bateu em fulano, que não sei quem só ficava provocando na hora do lanche com brincadeiras que incomodavam, então, assim... A minha postura foi falar sério com eles, que eu não queria nenhum tipo de apelido entre eles, e eu iria tomar maiores providencias caso acontecesse de novo. Se a gente não é dura

com eles com atitudes como estas eles não tãõ nem aí, querem mais é ver o circo pegar fogo. Então não podemos deixar acontecer.

Entrevistadora: E em situações que você considera como *bullying*, você conta com algum suporte? Seja da escola ou mesmo dos responsáveis dos envolvidos?

P5: Sim, mais da direção do que dos pais na verdade, nossa diretora é ótima nos apoia muito e a orientadora pedagógica também de como eu devo agir, quando comunicar os pais e como, essas coisas... Claro, na medida do possível conto também com a ajuda de uma grande amiga minha também aqui na escola, que além de professora também é psicóloga...

Entrevistadora: Entendi...

Entrevistadora: E o que você considera que poderia ser feito para o enfrentamento do *bullying*?

P5: Para enfrentar o *bullying* acho que deve ser trabalhado com eles a respeito do assunto, informar os pais também e a escola tem dar esse suporte eu acho, mas infelizmente não acontece como deveria né, devido a N fatores...

Entrevistadora: E na sua opinião, quais as causas e consequências da existência do *bullying*?

P5: Acho que muitos pela imaturidade não sabem, sei lá, ou ignoram o fato de que o *bullying* pode causar sérios transtornos pra quem já tem um estigma de si mesmo, se acha feio, se acha gordo, magro demais, e vão e colocam apelidos pra tirar sarro disso, é humilhante... pode causar traumas irreversíveis eu acho

Entrevistadora: E o que você considera que necessita para acabar de fato com o *bullying*?

P5: Bom, eu acho que deveria antes de tudo ter mais dialogo nós professores com os pais e a escola como um todo. Mais é, sinto a resistência quanto a isso, não sei te explicar exatamente o porquê, na prática aqui na escola, no dia a dia é tudo tão burocrático, temos que dar conta do conteúdo, de elaborar aulas, que é só quando como no caso agora que paramos pra pensar sobre isso e como agir contra isso, que damos uma acordada.

Entrevistadora: Sim... Imagino, obrigada professora por suas respostas!